

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 198



Aventuras extraordinarias
dum policia secreta

O MORTO VIVO



EDITOR-PROPRIETARIO, F.A. MIRANDA e SOUSA
COMPLETENA EMP. LUSITANA EDITORA —
C. do FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. do FERREGIAL, 23, LISBOA

100 maneiras de nos defendermos na rua **COM ARMAS**

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

♦ ♦ O REI DOS MARES ♦ ♦

AVENTURAS DO CAPITAO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos
⇒ Publicação quinzenal in-8.º grande com capa artistica a 3 cores ⇒

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu. Viveu e perdurou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios lançou mão do aventureiro e da época em que assombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heróes indomaveis que se tornaram temidos com os nomes successivos de Boucaneiros e Flibusteiros.

Volumes publicados

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------|
| 1 O thesouro da ilha | 21 Entre os antropophagos |
| 2 O segredo do pirata | 22 No paiz dos celestes |
| 3 O marinheiro mysterioso | 23 O testamento do caçador |
| 4 O enigma da ilha do Coral | 24 A jaula de ferro |
| 5 O navio negro | 25 Na fogueira do Rajah |
| 6 Os dois capitães de piratas | 26 Os piratas das ilhas Soulor |
| 7 Inimigos fígadaes | 27 O fal-o inquisidor |
| 8 Expedição para a morte | 28 A mulher-pirata |
| 9 A nau do diabo | 29 A revolta dos fribusteiros |
| 10 A cidadella dos piratas | 30 Nas costas de Inglaterra |
| 11 O primeiro encontro | 31 O corsario mysterioso |
| 12 O naufragio de Morgan | 32 O rei da fribusta |
| 13 Astucias de piratas | 33 A filha do governado |
| 14 O terror dos mares | 34 Nos mares australianos |
| 15 O thesouro fluctuante | 35 No polo austral |
| 16 A heroína de Puna | 36 O phantasma de bordo |
| 17 O caçador de escravos | 37 A princeza captiva |
| 18 Nos mares da China | 38 O templo das serpentes |
| 19 Um thesouro no fundo do mares | 39 Os prisioneiros de cambaia |
| 20 A conquista do diadema | 40 O palacio da morte |

As novellas em que relataremos as aventuras do **CAPITAO MORGAN** serão publicadas em numeros quinzenaes

Cada numero contendo uma **50** publicação mais barata
C C C C obra completa **REIS** de Portugal C C C C

100 maneiras de nos defendermos na rua sem armas.

100 maneiras de nos defendermos na rua com armas.

100 experiencias recreativas e curiosas.

100 experiencias mathematicas.

100 experiencias chimicas.

Cada volume brochado e illustrado **200 reis**

Collecção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tèramond. 3. O tumulto de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golsworthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Agulha ôcca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres! grande romance policial, A. Q. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras, Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume. 22. O Sonho, por E. Zola. 23. Os dez olhos d'oiro, por P. d'Ivoi. 24. Um gatuno de casaca, por E. W. Hornung.

350 rs. Cada vol, in-4º, contendo a materia de um **rs. 350**
Cada vol, in-8º, de 300 **rs. 350**

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
REIS

==CADA VOLUME CONTEME==
== 14:00 LINHAS ==
DE LETURA EMPOLGANTE

Volumes publicados.

- O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
Os Facas d'Oiro, por Paulo Féva.
As filhas do povo, por Alexis Bouvier.
O filho dos boers, por Rider Hagart.
Duvida fatal, por Marcello Prévost.
O segredo da desconhecida, por J. Gastyne.
Fausto, por Raoul Verneuil.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

• REIS • um bom romance completo

O MORTO VIVO

CAPITULO I

Descoberta horripilante

--Sr. Luttrell! Sr. Luttrell!

Havia já minutos que batiam com insistencia á porta. Finalmente, ouviu-se alguém mexer dentro do quarto.

—O que é? Quem está ahi? perguntou uma voz meio estremunhada.

—São já sete horas e meia, respondeu uma voz de mulher. O senhor recommendou que o acordasse!

—Ah! sim, já me lembro. Muito bem, muito bem, sr.^a Duffy.

Dizendo estas palavras, saltou Tom Luttrell da cama. Desappareceu no quarto contiguo, onde se ouviu d'ahi a pouco o chapinhar da agua na tina. Voltou depois embrulhado no seu roupão e levantou os estores.

Tom Luttrell tinha vinte e dois annos, era alto e desempenado, um bello exemplar do typo inglez.

O correio ainda não tinha chegado. Comtudo, encontrou uma carta sobre a sua secretaria, que parecia não ter visto na vespera, ao recolher a casa.

Quando abriu o sobrescripto, saltou-lhe immediatamente á vista um papel de linhas encarnadas. Era um cheque de mil libras. Depois de contemplar com admiração esse seductor papel, leu as poucas linhas da carta que acompanhava o cheque e que eram assim concebidas:

«Meu querido Tom.

«Fiz ha algum tempo uma transacção favoravel, vendendo umas acções. Incluso envio-te uma parte do ganho. Sei bem que não é preciso aconselhar-te, comtudo entendo dizer-te que deves depositar esta pequena quantia no banco, reservando a para mais tarde.

«Desejando te uma feliz viagem, crê-me

«Teu tio e amigo,

«Arthur Chadwick.»

Tom metteu a carta, juntamente com o cheque, na gaveta da secretaria.

—Ainda não ha um mez que me mandou o meu cheque para tres mezes, pensou. Como meu tio é bom! Mas elle sabe bem que me entendo com o dinheiro e que sei empregá-lo. Para que é, pois, este aviso? Tenho que lhe agradecer antes de partir. Ainda tenho tempo para o fazer.

Pouco depois de ter saboreado um bom almoço, sahio Tom Luttrell da sua habitação na Jermyn Street e metteu se n'um cab.

A veloz carruagem de duas rodas dirigiu se para a parte sudeste de Londres, atravessou Rutland Rate, parando finalmente deante de um edificio estreito e alto, situado a pouca distancia do sul d'aquella successão de casas elegantes e de aspecto distincto.

Pagou ao cocheiro, e o cab pôz-se em marcha, enquanto Tom Luttrell subia a larga escadaria.

Chegado ao ultimo degrau da escada, appareceu á porta, aberta precipitadamente, um velho de cabellos completamente rapados e com o rosto livido.

—Sr. Tom, exclamou elle com voz rouca, estorcendo as mãos e approximando-se do recémchegado. E' uma felicidade o senhor ter vindo. Agora mesmo queria ir chamar a policia!

—A policia, Tranter? O que quer dizer isso?

—Seu tio, senhor! Ah, que coisa horriavel!

—Mas que foi que aconteceu? Pelo amor de Deus, falle, Tranter!

—Está morto, senhor! Assassinaram-n'o e levaram-n'o!

—Assassinado!? balbuciou Tom, empallidecendo.

Durante um momento pareceu perder os sentidos, mas depressa dominou essa fraqueza.

—A policia... não, ainda não! disse elle, levando o criado para a ante-camara e fechando a porta. Primeiro chamaremos um policia particular, que verá e examinará o cadaver.

—Mas como, se desapareceu, sr. Tom? Já lhe disse que o levaram!

—Não o compreendo. Quer dizer com isso que meu tio desapareceu sem deixar vestigios?

—Sim, meu senhor, é isso mesmo; não o encontro em parte alguma!

—Esta incerteza é horrivel. Venha, meu senhor, venha vêr com os seus proprios olhos. Para mim o que aconteceu é incompreensivel.

Na parte trazeira da casa, na escada que conduzia ao subterraneo, estavam a governanta e a cozinheira estorcendo as mãos e soluçando quasi que imperceptivelmente.

Tom mandou as calar. Depois subiu a escada, seguindo o criado, que ia adiante.

Chegaram a um estreito corredor do primeiro andar, habitado exclusivamente por Arthur Chadwick. Uma porta á esquerda dava para o seu quarto de cama, que communicava com um quarto de «toilette» e outro de banho.

Á direita da escada havia uma segunda porta. Tranter abriu a e, deixando passar primeiramente Tom, que ao transpô-la sentiu calefrios, entrou em seguida.

Era um quarto espaçoso, de muito pé direito, com tres janellas com vista para a rua; em vez do tecto, cobria-o uma larga clara-boia.

A decoração do compartimento testemunhava o bom gosto e a riqueza do seu proprietario, que fazia d'aquelle quarto, sem duvida, o seu logar predilecto.

O mobiliario antigo era uma obra prima de talha em madeira, e recobriam o chão riquissimos tapetes da Persia e da India.

Era n'aquelle quarto que se tinha desenrolado, indubitavelmente, uma luta medonha, luta de vida ou morte.

Um sophá e duas cadeiras estavam no chão, uma d'ellas completamente quebrada. Os tapetes, fóra dos seus logares, estavam, assim como o encerado, manchados de sangue. Um grande cavallete estava deitado sobre o cesto dos papeis, e na tela de uma pintura a oleo via-se um rasgão, feito ao que parecia por um pontapé. Junto a este um pedaço de manga d'um casaco de velludo, todo cheio de sangue, e na parede um fundo buraco, feito por alguma pancada d'uma pesada arma. Tudo eram indicios do que se passára, mas o cadaver não se via.

—Onde estará meu tio? balbuciou Tom finalmente e a custo. Que elle foi assassinado é certo, mas o que fizeram do cadaver?

—E' essa uma pergunta a que não sei responder, sr. Tom.

—Quando foi que isto se deu, Tranter? Certamente deve ter ouvido alguma coisa!

—Não tenho a minima idéa de quando se tivesse

podido dar, senhor. Não ouvi coisa alguma e as criadas tampouco.

—Como? Meu tio assassinado e levado d'aqui, e você não ouviu nada? exclamou Tom, incredulo. Como é isso possivel?

—Não posso explicar, meu senhor, respondeu o velho criado, cuja commoção era tão grande que quasi não podia fallar. O sr. Chadwick jantou hontem, como de costume, ás 7 horas, e logo que acabou de jantar — o senhor bem conhece os seus costumes — dirigiu-se ao «atelier», recomendendo-me que o não incomodasse sob pretexto algum.

«Não teve visitas, nem chamou ninguém. Depois de ter revistado todas as dependencias, convencido de que a casa estava bem fechada, deitei-me. Seriam talvez dez e meia.

«Esta manhã, eram nove e meia quando bati á porta do quarto de cama de seu tio. Chamei tres vezes sem obter resposta alguma; depois entrei e achei o quarto vazio.

«Ninguém tocou na roupa da cama, e aos pés do leito estava o casaco preto pendurado. O senhor bem sabe que elle costumava sempre vestir o casaco de velludo, depois do jantar, quando ficava em casa. Depois procurei no quarto de «toilette» e na casa de banho, mas em parte alguma o encontrei. Abri em seguida a porta do «atelier», e... e vi o que o senhor acaba de ver.

—Deve ter havido aqui uma luta tremenda, disse Tom, que, desalentado, olhava sempre para o sitio onde os terriveis factos se deviam ter passado.

—Uma luta desesperada, sim, meu senhor. Veja esta manga, foi positivamente arrancada.

—Foram ladrões, Tranter, e nada menos de dois. Esconderam-se em casa durante o dia, e quando você e o resto do pessoal se foram deitar, penetraram no quarto e perpetraram o crime. Assassinaram meu tio e esconderam depois o cadaver nas proximidades. Deve forçosamente estar em casa.

—Cá em casa não está, sr. Tom. A primeira coisa que fizemos foi revistar a casa d'alto a baixo.

—N'esse caso não se comprehende para que o roubaram. Esses malvados então roubaram o cadaver de noite e levaram-n'o n'um carro.

—Como podiam fazer tal? Não comprehendo, retorquiu Tranter, pensativo.

—Se todos estavam a dormir! disse Tom.

—Mas achei todas as portas e janellas, desde o soffão até á «cave», taes quaes as tinha deixado hontem á noite. E fechei-as todas por dentro, meu senhor!

—Por dentro, todas? exclamou Tom, abanando a cabeça. E comtudo não se encontra o cadaver! Um enigma! Como explicar tal coisa? Os assassinos não podiam sair sem deixar alguma coisa aberta!

—Sim, isso é impossivel, accrescentou o criado convictamente.

—Não se trata d'um crime vulgar, disse elle. Só conheço um homem que talvez nos possa auxiliar e

que decifra enigmas que para o resto da humanidade são incompreensiveis. Esse homem é Sherlock Holmes, o genial criminalista.

—Quem me dêra que elle aqui estivesse, sr. Tom!

—E' preciso que venha, Tranter. Tral-o-hei aqui o mais breve possivel. Emquanto eu não vier, não chame a policia, e deixe tudo tal qual está.

CAPITULO II

Caso enigmatico

A distancia entre Rutland Gate e Baker Street é relativamente pequena, em proporção á extensão de Londres.

Pouco antes das dez horas, por conseguinte pouco mais de uma hora depois da descoberta do crime, chegava Sherlock Holmes, n'um «coupé», acompanhado por Tom Luttrell, e entrava em casa de Arthur Chadwick.

Durante o trajecto informou-se o genial policia de tudo quanto Luttrell tinha ouvido contar ao criado.

Sentiu grandes duvidas sobre a exactidão das affirmações que lhe eram feitas, tendo, porém, em breve que convencer-se da sua realidade.

Chegado ao theatro do enigmatico crime, contemplou, com as mãos nos bolsos e o indispensavel cachimbo na bocca, o «atelier» em desalinho, enquanto Tranter repetia as suas declarações anteriores.

Depois pôz mãos á obra, seguindo o seu costume de methodo, dedicando toda a sua attenção ao ponto principal do enigma.

Á primeira vista notou que as janellas do «atelier» estavam todas seguras pelo lado interior. Pôz uma cadeira sobre uma meza e, com essa especie de escada rapidamente improvisada, chegou o mais perto possivel das bandeiras das janellas, que estavam igualmente bem fechadas e seguras até por ganchos de ferro, que evidentemente havia semanas não tinham sido limpos, como se podia concluir pelo pó de que estavam cobertos.

O mesmo observou Sherlock Holmes no quarto de cama e na casa de banho. As janellas estavam todas fechadas pelo lado de dentro.

Depois submetteu toda a casa a uma minuciosa revista, de quarto em quarto, de aposento em aposento, mas sem obter melhor exito. Nem se achava o cadaver, nem vestigio algum dos criminosos. Era incompreensivel por onde elles tinham entrado e sahido.

Das diferentes portas estavam as duas que conduzião ao «atelier» e ao quarto de cama de Chadwick abertas, o que para o caso não tinha importancia alguma.

O criado jurava por tudo quanto havia que a porta da rua estava fechada á chave e que só a tinha aberto

á chegada de Tom Luttrell; a cozinheira affirmava o mesmo da porta e das janellas da cozinha, que só abria depois das sete horas, hora a que se levantára.

E com respeito ás outras janellas, estavam todas taes quaes Tranter as tinha deixado na vespera.

A dar credito ás affirmações da criadagem — e Sherlock Holmes dava-lhes todo o credito — estavam todas as sahidas da casa fechadas de manhã.

Mas como se podia então ter levado o cadaver de Chadwick? Era um enigma para o criminalista, e logo no primeiro momento teve a convicção de se achar a braços com um crime mysterioso, um caso que exigia toda a sua intelligencia e perspicacia, um caso que se lhe affigurava unico na sua longa carreira.

Depois de ter feito mais algumas perguntas á cozinheira e á governanta, cujas respostas nenhuma luz traziam ás trevas d'aquelle mysterio, voltou Sherlock Holmes, acompanhado de Tom Luttrell e do criado, para o «atelier», para o examinar minuciosamente. Antes d'isso, dirigiu-se de novo ao creado:

—Certamente não reparou n'uma coisa, ou talvez se esquecesse. Segundo disse, tomou hontem o sr. Chadwick a sua refeição ás sete horas e entrou ás oito no seu quarto de cama, onde, como de costume, vestiu o caso de velludo em vez do seu «smoking» preto, fechando-se depois no seu «atelier». Não tinha visitas, nem o chamou, e ás dez horas e meia o sr. Tranter fechou tudo e deitou-se?

—Foi assim mesmo, meu senhor, disse o criado, acenando affirmativamente.

—Podia entre as oito e as dez e meia alguém ter entrado em casa, ou sahido?

—Sem que eu desse por isso, não seria facil, meu senhor. Estive durante todo esse tempo no subterraneo, onde se ouve distinctamente tudo quanto se passa no vestibulo e na escada. E sem chave ninguém podia tampouco abrir a porta.

—Onde dorme?

—N'um pequeno quarto das trazeiras da casa, no primeiro andar.

—E a cozinheira e a governanta?

—No subterraneo, meu senhor.

—Não notou coisa alguma durante a noite?

—Nada, meu senhor, e as criadas tambem nada viram ou ouviram.

—O sr. Chadwick teve visitas hontem, durante o dia? perguntou o criminalista, após uma pausa.

—Que eu saiba, não, senhor, respondeu Tranter, abanando a cabeça. Mesmo tinha raras vezes visitas. Hontem esteve em casa até á tarde; depois sahiu e ás seis e meia senti-o voltar e subir. Foi quando mudou de fato para ir jantar.

—Não o viu n'essa occasião?

—Não, senhor, estava occupado na dispensa. Sherlock Holmes encolheu os hombros.

—E' extraordinario, disse elle em voz baixa. —Não pode dar-nos nenhum conselho, sr. Holmes?

perguntou Luttrell, contendo a custo as lagrimas que lhe marejavam os olhos. Meu pobre tio foi certamente

assassinado pelos ladrões. Não pode dar-me nenhuma esperança de que descobrirá os patifes?

Sherlock Holmes ficou silencioso. Tinha que confessar que nenhum caso tanto o intrigara como aquelle. O assumpto começava a interessá-lo vivamente e um desejo inexplicável de saber apoderou-se d'elle. Se o facto se déra depois das dez horas e meia, pela noite adiante, então alguém da criadagem auxiliara os criminosos na sahida de casa e no transporte do cadáver, fechando, depois d'elles terem sahido, a porta da casa ou alguma janella.

Por outro lado, se o crime tivesse sido perpetrado entre as oito e as dez e meia, teriam os criados forçosamente notado qualquer coisa.

De resto, não havia duvida nenhuma que alguém de casa—tivessem os assassinos entrado mais cedo ou mais tarde—havia fechado alguma porta ou janella. D'outra maneira achar-se-hia forçosamente alguma das sahidas abertas.

Qual seria o mobil para o facto tão extraordinario de levar o cadaver do assassinado? Seriam os ladrões capazes d'uma acção tão louca?

O mysterio profundava-se e tornava-se cada vez mais indecifrável.

O criminalista, com o seu inexcedível conhecimento da natureza humana, estava absolutamente convencido de que o criado, a cozinheira e a governanta diziam a pura verdade e que qualquer d'elles tinha a consciencia tranquilla.

—Talvez se possa descobrir alguma coisa aqui! observou Luttrell.

—E' possível, confirmou Sherlock Holmes. Verei e depois d'isso avisar-se-ha a policia. Mas, antes de mais nada, peço-lhe que me dê alguns pormenores sobre a vida de seu tio.

Tom Luttrell deu-lhe pormenores, mas nenhum d'elles tinha importancia especial para o caso.

Arthur Chadwick era filho unico e tinha feito havia quinze annos, por conseguinte aos 25 annos, uma viagem á volta do mundo, depois de se ter formado na Universidade.

Seu pae fallecera depois d'elle regressar da viagem, deixando-lhe, além da casa de Rutland Gate, o rendimento de 10 mil libras (45 contos) por anno.

Tranter era então já criado de John Chadwick, pae de Arthur; enquanto ás outras criadas tinham entrado alguns annos depois ao serviço d'este.

A ausencia de Arthur Chadwick durára um anno completo e, desde o seu regresso, levava vida pacata e regrada.

De vez em quando fazia pequenas viagens pelo continente, a Berlim ou Paris, e, quando estava em casa, occupava-se com os seus livros, a pintura e a sua collecção de curiosidades. Era socio de varios clubs e algumas das suas relações pessoases, altamente collocadas, costumavam, ás vezes, ser seus hospedes.

—De resto, meu tio não tinha amigos intimos, concluia Luttrell, e não me parece que tivesse inimigos.

—Isso era impossivel, concordou o criado com rapidez. Não havia homem mais amavel que elle.

—Quem é agora o herdeiro do sr. Chadwick? perguntou o criminalista.

—Supponho que sou eu, respondeu Tom, córando levemente. Pelo menos assim o julguei sempre. Mas não quero o seu dinheiro, e de boa vontade renunciaria ao ultimo «penny», se com isso pudesse chamal-o á vida.

—Assim o creio, disse Sherlock Holmes, fitando o pobre mancebo, que se encontrava bastante contristado.

O criminalista começou então uma rigorosa busca no «atelier», no resultado da qual punha todas as esperanças. Primeiramente embulhou a manga ensanguentada do casaco de velludo e mettu-a no bolso. Trabalhou depois um grande bocicado, examinando de perto os mais insignificantes objectos, procurando comtudo em vão qualquer arma ou vestigio de dedadas.

O que lhe parecia sobretudo extraordinario era a completa ausencia das dedadas, apesar de se notar que o sangue tinha corrido em abundancia.

No fim das suas investigações e desesperando quasi de obter bom resultado, tres importantes descobertas fez quasi ao mesmo tempo. A primeira d'ellas interessava o criminalista sobremaneira, porque d'ella se deduziam varias consequencias, embora indefinidas.

—Sabe o que é isto? perguntou Sherlock Holmes, apontando para uma mechasinha de cabellos castanhos que levantára do chão.

—Certamente, disse Tom Luttrell, triste. Foram arrancados da cabeça do meu tio.

—Não podem ser d'outro, interrompeu Tranter. Como elle deve ter luctado! Que horror!

Sherlock Holmes mettu os cabellos n'um sobre-scripto, chamando a attenção dos presentes para uma quantidade de moedas d'ouro espalhadas debaixo do sophá.

—O sr. Chadwick costumava ter dinheiro aqui, no «atelier»? perguntou elle.

—Tinha quasi sempre uma pequena quantia na secretaria, afirmou o criado. Foi pois um assassinio que teve por mobil o roubo. Os ladrões parece terem deixado cahir o dinheiro com a pressa.

—Já vou ver a secretaria, disse Holmes.

Continuando as suas investigações, achou poucos minutos depois, debaixo d'um pequeno tapete, um relógio d'ouro. A caixa estava amolgada e, aberto depois d'algum trabalho, achou-se o vidro todo quebrado.

—Conheço esse relógio, pertencia a meu tio.

—Foi pisado, esclareceu o criminalista, e a machina parou. Mas este facto esclarece-nos n'um ponto. Sabemos agora que a lucta se deu das nove para as dez horas, e que o cadaver foi levado provavelmente antes das dez horas e meia.

Holmes approxinou-se d'uma grande secretaria

d'estas a que se chama á «ministra», e que estava entre duas janellas.

Abriendo a persiana, descobriu á primeira vista que a secretaria tinha sido arrombada e remexida. Ao pé d'um sacco de linho vazio, quasi escondido debaixo d'um massô de papeis, tres «soberanos» em ouro. A esquerda via-se um livro de cheques, em cuja capa se reconhecia uma dedada quasi invisivel do dedo pollegar, d'um pallido côr de rosa.

Sherlock Holmes sentiu-se mais animado. O resultado d'um exame mais minucioso demonstrou que se tratava, não de sangue, mas d'umas tintas para pintura a oleo; por um quadro que estava debaixo d'um cavalleto tombado, era facil concluir que Chadwick tinha trabalhado na vespera com tinta encarnada. A dedada era pois do dedo pollegar do assassinado; sobre isso não restava duvida alguma.

Sherlock Holmes examinou o contheudo do livro de cheques, tirou a capa, dobrou-a e mettu-a no bolso.

—Estão aqui dez cheques em branco e dois coupons não assignados. Estes dão-me que pensar. Porque os deixaria em branco?

—Não parece ser de meu tio tal esquecimento, observou Luttrell.

Holmes examinou minuciosamente os talões de papel e retirou, de repente, de entre os cheques um mata-borrão côr de rosa, quasi sem uso.

Notavam-se n'elle algumas impressões de tinta. Examinou-as um momento com um pequeno microscopio que trazia sempre comsigo.

—Já sei, disse elle com um ar triumphante. Está descoberto o segredo dos cheques deixados em branco. Foi com este mata-borrão que seccaram os cheques preenchidos havia pouco, e estes traços são d'elles. Mesmo a data está em harmonia com o resto. O sr. Chadwick passou hontem dois cheques, e o segundo, de mil libras, devia ser pago a Tom Luttrell. O outro cheque é de duas mil libras, para pagar á ordem de um tal Lushington. O primeiro nome não se pode decifrar. Isto talvez não tenha importancia alguma, mas admira-me não ver estes preenchidos. Os outros estão preenchidos como deviam ser.

CAPITULO III

Quem era Lushington

—Lushington? repetiu Tranter pensativo. Nunca ouvi tal nome. Não tenho idéa alguma de quem seja ou porque é que o meu amo lhe devia pagar 2.000 libras.

—Talvez seja o corretor da Bolsa que tratava dos negocios do sr. Chadwick, disse o criminalista.

—Não, não, retorquiu Luttrell, meu tio só tinha um e este chama-se Woodford.

—Quem era o seu advogado e notario?

—Jarois Renshaso e mota no Tig Trec Court. E' extrordinario, sr. Holmes, 2.000 libras para um estranho chamado Lushington! Julga que encontrando-se este individuo se lançaria alguma luz n'estas trevas?

—E' muito possivel que sim, declarou Holmes, que começava a orientar-se. Com respeito ao outro cheque não precisa d'esclarecimentos a não ser o talão deixado em branco.

—Meu tio parece ter tido pressa; porque não vejo nenhum motivo para usar de tanto segredo dando-me um presente de mil libras. Recebi o cheque esta manhã quando estava a arranjar as malas para uma viagem a Paris, e dirigi-me em seguida aqui a apresentar-lhe os meus agradecimentos.

—O cheque era acompanhado d'alguma carta?

—Sim, mas muito laconica.

—Posso vê-la?

—Certamente. Aqui está.

Tom tirou o cheque juntamente com a carta, da algibeira, intenção de o depositar á volta no seu banco, e Sherlock Holmes leu rapidamente as poucas linhas aparentemente com pouco interesse, e que concordavam com as conclusões embora indefinidas, que elle elaborava em mente.

—Seu tio tinha o habito de lhe fazer presentes? perguntou elle.

—Este foi o primeiro cheque que elle me deu além da minha mezada, respondeu Tom Luttrell. Dava-me oitocentas libras por anno, pagas em prestações trimestraes. Mas porque pergunta tal coisa? Julga esclarecer assim mais o caso?

—Todos os pormenores são d'importancia, sr. Luttrell. E com vontade firme descobriremos este enigma, declarou Sherlock Holmes, cheio de confiança.

Apoz uma pequena pausa, continuou:

—Acabei d'examinar o atelier. E, pelo que vejo, servia-se o sr. Chadwick muito pouco do resto da sua habitação. E a bibliotheca? Parece-me que não ha lá nenhuma secretaria!

—Exactamente, meu senhor confirmou o criado. O meu amo tratava de tudo aqui.

—Ah, então, abster-me-hei d'outras investigações. Se me der licença, sr. Luttrell, levarei a carta do seu tio. Ah, é verdade, ainda uma coisa! Precisava ver um retrato do sr. Chadwick, caso haja algum.

—Isso não será possivel. Pelo que sei, meu amo nunca tirou retrato algum, interrompeu Tranter.

—N'este caso, basta que me façam uma descripção d'elle, respondeu o grande criminalista.

—Era um homem sympathico dos seus 40 annos, da altura de quinze pés approximadamente, cabellos bastos e castanhos, olhos castanhos, barba toda, o bigode ligeiramente alourado, tez pallida!

—Basta, disse Sherlock, como que falando comsigo mesmo. Agora vou-me embora; dentro em pouco devo chegar a policia. E' melhor que o senhor fique até elle vir, continuou Holmes para Luttrell, e peço-lhe que pe-

las duas horas da tarde me procure em minha casa em Backer Street.

O criminalista consultou o seu relógio e poucos minutos depois saiu.

No caminho encontrou um agente que mandou à Morgue e da estação telephonica mais proximas falou para Scotland Yard, a estação central de policia de Londres. Meia hora mais tarde estava em Backer Street, chegando ao mesmo tempo que um automovel em que iam o inspector Baxter e duas outras pessoas que se dirigia com grande velocidade para Rutland Gate, parando á porta de Arthur Chadwick.

* *

Depois de subir a escada, dirigiu-se Sherlock Holmes, atravessando a saleta, para o seu escritorio. Tirou do bolso quatro objectos: a manga encharcada de sangue, a mecha de cabelos, a capa do livro dos cheques com as dedadas vermelhas e a carta de Chadwick escripta a seu sobrinho.

—Ha tres d'estes objectos que posso pôr de lado, pelo menos por enquanto, disse elle. E com respeito ao quarto talvez este nos leve a um resultado surpreendente, justificando irrefutavelmente as minhas suspeitas.

Depois de ter cortado da manga de velludo um pedaço quadrado, entrou n'um pequeno compartimento contiguo ao seu escritorio. A primeira vista adivinhava-se que era o seu laboratorio. Sobre uma meza de trabalho e em varias prateleiras ao longo da parede estavam diferentes instrumentos e utensilios sobre cujo emprego e destino não podia haver duvidas, frascos, retortas, cnulas de vidro, bacias, cassarolas, tachos, panelas, tubos de substancias chimicas e um grande numero de lampadas de feitiços exquisitos.

O criminalista levantou as pensianas, tirou d'uma caixa um microscopio, poz no pequeno prato o bocado de velludo, depois deixou cahir uns pingos d'um liquido amarelado no panno. Quando o tecido estava completamente embebido do liquido, voltou Sherlock Holmes, não sem ter primeiramente lavado as mãos, para a sua saleta, onde a governanta entretanto lhe puzera a meza para almoçar.

Sherlock Holmes voltou pouco depois ao seu laboratorio. Esperou uns dez minutos até que o alcali e tivesse evaporado, tirou outros dois frascos, deitando um pingo do seu contheudo sobre o tecido, que tinha já secado. Do acido aquecido e dos efeitos d'um segundo preparado de chlorhydrato dependia o resultado do exame.

Passado meia hora examinou o velludo através do microscopio.

Levantou a cabeça. Tinha um ar triumphante e a custo podia conter a comoção.

—E' tal e qual como julguei, disse elle por entre

dentos. As minhas suspeitas confirmam-se. Se eu agora...

O bater da porta interrompeu os seus pensamentos e no mesmo instante entrou o seu ajudante, Harry Taxon, no quarto, de volta d'uma commissão. O criminalista deixou-o approximar.

—Olha, meu rapaz, olha para aqui e diz-me o que vêes.

Harry olhou através do microscopio.

—Por Deus, como os fios são grandes, exclamou elle.

—Certamente, pois que estão augmentados duas mil vezes! Que mais lhe encontras?

—Uma quantidade de pequenas figuras, crystaes, ao que parecem.

—Muito bem, são crystaes. E são redondos, não é verdade?

—Sim, completamente redondos, concordou o ajudante do criminalista.

—Nenhum d'elles tem a forma de flocó?

—Pelo que vejo, nenhum.

—Estava convencido d'isso, disse Sherlock Holmes. São todos, sem excepção alguma, redondos. Se fosse sangue humano, appareciam estes corpusculos em feitiços de flocos, uns alongados, outros em forma de cruz e ainda outros em feitiço de estrellas.

E o criminalista concluiu:

—Por esta prova quasi infalivel, quasi posso provar que o sangue na manga d'um casaco não é proveniente d'um ser humano, mas antes de sangue animal.

—D'um animal! repetiu Harry admirado.

—Não é o singular? Não é possível, comtudo que um animal tenha morto e levado Chadwick.

De novo bateram á porta mas Sherlock Holmes não respondeu logo. Na porta entreaberta appareceu a cabeça da governanta.

—Está na sala uma visita, annunciou ella.

—Está bem, obrigado, respondeu o criminalista.

Retirou o corpo de delicto do prato do microscopio, fechou-o e passados momentos dirigiu-se para a sua saleta, encontrando alli Tom Luttrell á sua espera. Tinha lhe desaparecido, porém, qualquer vestigio de comoção.

—O senhor é pontual, disse elle, dirigindo-se ao mancebo. São duas horas em ponto, sr. Luttrell! Os agentes da policia foram lá?

—Sim, chegaram pouco depois do senhor saber, o inspector Gordon e dois outros. Pareceram não ter ficado muito contentes por o senhor já lá ter estado.

—Isso não admira. Sem duvida encontraram esses senhores logo a solução do enigma.

—Contentam-se em dizer que era um caso extraordinario de assassinio cujo mobil fôra o roubo.

—E que motivos invocam elles para explicar o desaparecimento do cadaver?

—Sobre isso nada disseram; sr. Holmes.

O genial criminalista encolheu os hombros.

—Venha, disse elle, estou prompto.

—Para onde vamos agora? perguntou Tom Luttrell.

—Vamos fazer uma visita ao notario do seu tio, o sr. Renshaw, explicou Sherlock Holmes: Talvez elle possa... ah! ouve?

Na rua ouvia-se a voz estridente d'um vendedor de jornaes, apregoando:

—Suplemento ao *Evening News*! Grande e horrivel crime no Westend! Todos os pormenores. Assassinio e roubo em Rutland Gate.

* *

Jarvis Benshaw, um homem espadaúdo com suissas esbranquiçadas e já edoso, estava no seu gabinete particular em Fig Tree Court Temple.

O seu rosto estava congestionado pela comoção; tinha na mão um exemplar do *Evening News*, todo amarrutado, quando os dois visitantes que acabavam de lhe ser annunciados entraram no seu gabinete.

—Que coisa horrivel, sr. Luttrell!—exclamou elle. Ha apenas um minuto que soube por este jornal do horrendo drama. Queira acceitar a expressão sincera dos meus mais sentidos pezamos.

Apertou effusivamente a mão de Tom Luttrell, e dirigindo-se ao outro visitante:

—O sr. Holmes, não? Creio não m'enganar supondo que tenho a honra de fallar com o nosso genial criminalista. Alegro-me immenso por se ter encarregado do caso com tanta promptidão e espero que dentro em breve esteja tudo aclarado. Já tem alguma pista?

—Esperamos que nos possa dar algumas indicações—declarou Tom Luttrell.

—Sinto muitissimo não os poder satisfazer, apressou-se a responder o advogado.—Como puderam pensar em tal? O sr. Chadwick foi assassinado por ladrões. Não creio que alguém, ao que sei, pudesse nutrir contra elle odio pessoal. Mas caso queira dar-me pormenores...

—Sobre isso não fallemos agora,—atalhou Sherlock Holmes. Só queria perguntar uma coisa, meu caro senhor. Pode dar-me algumas informações a respeito d'uma pessoa chamada Lushington.

—O sr. Macmaduke Lushington?

—Provavelmente é esse. O que pode dizer me a seu respeito?

—Só lhe posso dizer que é o herdeiro do sr. Arthur Chadwick.

Tal resposta surpreendeu os viajantes.

—Seu herdeiro?—exclamaram Luttrell e o criminalista quasi simultaneamente.

O advogado deixou-se cahir n'uma cadeira e limpou o suor que lhe aljofrava a fronte.

—Não, eu disse isto precipitadamente—murmurou elle. Disse-o sem reflectir. Será uma grande decepção para si, sr. Luttrell.

—De modo algum, respondeu este tranquillamente.

Meu tio bem sabia o motivo por que assim procedeu.

—Seu tio fez testamento ha 2 annos; deixa a sua casa em Rutland Gate com todo o recheio, assim como uma pensão annual de 2000 libras a seu sobrinho Tom Luttrell, deixa ainda umas pequenas quantias aos creados e todo o resto da sua fortuna, calculado em 8000 libras por anno, lega-a ao sr. Macmaduke Lushington, Buckingham Street, 240.

—Tenciona informar desde já o sr. Lushington da sua herança?—perguntou Sherlock Holmes, quando o notario acabou de dar estas informações.

—Sim, tinha tenção de o fazer sem demora, affirmou o advogado.

Terminou a entrevista. Benshaw não soube dizer mais nada, assim como também não soube a significação do cheque mysterioso das 2000 libras.

Tom Luttrell e o criminalista despediram-se. Em Tlect Street encontraram um coupé no qual se fizeram transportar para o centro de Londres, onde a tragedia de Rutland Gate era apregoada pelos vendedores dos jornaes de todos os modos imaginaveis e onde a noticia se lia annunciada nos placards em grandes letras.

—Que lhe parece o tal Lushington e a herança? perguntou Tom depois d'uns momentos de silencio.

—Estava justamente a scismar n'isso, respondeu Sherlock Holmes.

—Pois bem, eu sei explicar os factos.

—Sim? então fale?

—Foi Macmaduke Lushington, auxiliado por alguém, que commetteu o assassinio. Elle sabia que as disposições testamentarias eram em seu favor. Tinha precisão de dinheiro, pediu-o a meu tio emprestado e este recusou-lh'o. N'esse meio tempo, mas infelizmente tarde de mais, resolveu-se meu tio a mandar-lhe as 2.000 libras. Quando o cheque ia já em caminho, introduziu-se elle de qualquer maneira em casa de meu tio e matou-o para poder tomar conta da herança. O unico ponto que resta esclarecer é o desaparecimento do cadaver, que também deve ter um motivo especial. Não é da minha opinião, sr. Holmes?

—Desejo reservar a minha opinião, sr. Luttrell. Siga o meu conselho e não queira assim em absoluto chamar assassino a Macmaduke Lushington. Não tire conclusões precipitadas. Lembre-se de que o senhor também recebeu um cheque.

—Ah! sim, mas no meu caso sabe-se porquê.

—Sim, tem razão, sabe-se o motivo, concordou Sherlock Holmes com um riso estranho.

—Sim, mas como pôde alludir...

—Não alludo a coisa alguma, interrompeu o grande criminalista. Deixe-me a mim só o cuidado de tratar d'este assumpto. Para onde tenciona ir agora, sr. Luttrell?

—Primeiramente á minha casa e depois á de meu tio. Tive que prometter a Trauter que por enquanto ficaria lá.

—N'esse caso separemo-nos. Tenho ainda que tratar d'um assumpto; comtudo, procurai-o-hei novamente em Rutland Gate. Desejo revistar o «atelier» mais

uma vez para um certo fim. Estamos na estação de Carring Cross! Eu desço!

—Quer tirar informações a respeito de Macmaduke Lushington? perguntou Luttrell.

—Advinhou, meu jovem amigo, respondeu Sherlock Holmes enquanto o «coupé» parava. E o criminalista apeou-se.

CAPITULO IV

O falso inspector

Poucas horas depois, seriam talvez nove da noite, voltou Sherlock Holmes para casa.

Trabalhou bastante e comtudo nada descobriu do que suppozera.

A casa com o numero 240 na Buckingham Street era um grande e velho edificio nas proximidades do Tamisa. Macmaduke Lushington, homem de meia idade, vivendo aparentemente em boas condições, habitava havia dez annos todo o segundo andar, por elle mobilado, senão com luxo, pelo menos com decencia.

Comtudo não se podia chamar aquelle o seu lar, pois que andava constantemente em viagem, na caça aos animaes ferozes d'Africa, como a dona da casa dizia, e durante o pouco tempo da sua estada em Buckingham Street, que em todo o anno não via alem de seis mezes, nunca amigo algum ou conhecido o vinha visitar, nem tão pouco recebia correspondencia alguma.

Foi isto que Sherlock Holmes apurou, mas agora era outro o assumpto em que pensava.

Não ficou em casa para jantar, embora estivesse prompto.

Depois d'uma curta entrevista com Harry e depois de ter mettido um microscopio de algibeira no bolso saiu de novo e em quarenta minutos pol o o trem de praça em casa de Chadwick, onde Trauter se apressou a abrir lhe a porta.

Na ante-camara estava o gaz accezo, por que a noite approximava-se. Uma fraca luz illuminava um homem alto e esguio, de farta barba e bigode preto, com casaco alvadio, e que, de chapéo na mão, parecia esperar a sua vez de entrar. Esse homem, logo que avistou o criminalista, pareceu contrariado, o que não escapou ao olhar perspicaz de Holmes.

—Onde está o sr. Luttrell? perguntou Sherlock Holmes.

—Está no andar de cima, respondeu o creado fechando a porta. Está também um policia deante da porta, cuja chave não fomos capazes de achar. O inspector Gordon tenciona fechala e pôr-lhe sellos logo que acabe esta noite as suas investigações.

—E quem é este senhor? perguntou o grande criminalista.

—O inspector Tenlock de Scotland Yard, disse

Trauter sem a menor suspeita. Vem para vêr o «atelier». O sr. Luttrell subiu para falar a esse respeito com o policia.

—Tenlock, disse Holmes pensativo, de Scotland Yard? Não conheço nenhum inspector com esse nome.

«A sua cara é-me desconhecida, senhor, disse elle para o estranho em voz alta.

—E' muito possivel, concordou o inspector Tenlock, sorrindo, estou lá ha pouco tempo.

—Para que quer ver o «atelier» do sr. Chadwick? perguntou o criminalista approximando-se do desconhecido.

—Naturalmente porque trato do caso, respondeu elle tranquillamente. Tenho que tomar certas medidas, mas caso haja difficuldades, como parece duvidar da veracidade das minhas palavras, pedirei uma carta ao inspector Gordon.

—Não tenha tanta pressa, espere um momento, faça favor, disse Sherlock Holmes.

Rapidamente levou a mão á torneira do gaz e abriu-o todo. Immediatamente viu a sua suspeita confirmada. O genial policia encontrou-se d'um salto ao pé do desconhecido, agarrando o pelo pescoço. Empurrando o com uma das mãos para a parede, puxou-lhe com a outra rapidamente pela barba. Era postiga, e ao ver o rosto pallido e imberbe do falso inspector Tenlock, fez Sherlock Holmes uma nova descoberta, ainda mais surpreendente que a primeira.

—Roydon Stark, ou antes lord Banbury! ainda bem que te apanhei.

—Não deite foguetes antes de tempo, Sherlock Holmes! rosnava o desmascarado.

O falso inspector era forte e habil e ainda Holmes não tivera tempo de retorquir já elle se lhe escapulia das mãos com um violento empuxão.

—Anda, apanha!

No mesmo instante applicava a Sherlock Holmes tão violento socco debaixo do queixo que o criminalista cambaleou, bateu no bengaleiro, tropeçou n'um banco e rolou finalmente por terra.

Embora sentisse a vista a fugir-lhe, tratou de se pôr em pé, estendendo a mão para se apoderar d'uma arma, mas recebeu segunda pancada ainda mais forte que a primeira e caiu redondamente por terra.

—Agarra-o, agarra-o! gritou Sherlock Holmes para o creado. Segura-o bem!

—Socorro, socorro! exclamou Trauter, saltando sobre o aggressor, Policia! sr. Tom!

Roydon Stark devia ter previsto aquillo. N'um movimento rapido e voltando para a esquerda pôz o pé adeante e quando o creado saltava tropeçou ao mesmo tempo que Stark, tirando do bengaleiro um pesado cavallo marinho, o espancava furiosamente até fazel-o cair por terra.

A segunda pancada, violentissima, também acertou na cabeça do criminalista, fazendo-o tombar novamente.

Depois abriu a porta e quando com grande barulho

lho esta se tornou a fechar, tinha o patife desaparecido.

Trauter queixava-se, cheio de dores. Em cima sentiu-se ruído. Tom Luttrell e o policia, intrigados pelo barulho, desceram precipitadamente a escada e viram ainda um homem sahír á pressa.

Mas Sherlock Holmes não perdeu tempo com explicações. Embora muito magoado e quasi sem sentidos pôz-se em pé, abriu a porta e saiu cambaleando, para a rua. N'um rapido olhar viu a direcção que o fugitivo tinha tomado.

—Agarrem-no, agarrem-no! gritou elle mais que as suas forças o permittiam.

Mas a sua voz era fraca de mais.

Tropego e cambaleando, deu uns vinte passos, mas de tal modo o atacou uma vertigem, que teve de encostar-se a um candieiro para não cair. N'esse momento viu Tom Luttrell passar por elle a correr.

—Apanhe-o, gritou, e não o largue.

—Já o venho trazer, exclamou o joven, desaparecendo na escuridão.

Sherlock Holmes levantou se com custo e continuou a caminhar. Parando de novo ouviu o ruído do rodar d'um trem com grande velocidade. Compreendeu que um coupé tinha estado á espera de Roydon Stark.

Um alto grito, o estalar d'uma chicotada, o rodar da carruagem voltando a esquina misturou se com o ruído que fazia o resto do transitio.

Quando Sherlock Holmes chegou ali vio Tom Luttrell correr da direcção de Knightsbridge ao seu encontro.

—Viu-o. murmurou Tom, quasi sem folego. O patife foi agil de mais para mim. Fugiu n'um coupé, corri atraz d'elle mas escapou-me.

—Viu o numero? perguntou Sherlock Holmes.

—Não.

—Não havia nenhuma outra carruagem nas proximidades?

—Infelizmente, não, senão mettia-me n'ella n'um abrir e fechar d'olhos, replicou Tom. Mas diga-me o que ha finalmente, sr. Holmes? Trauter pouco ou nada contou.

—Pouco mais sei que o senhor, respondeu o criminalista.

Ambos voltaram para casa apressadamente comentando a caso, encontrando o criado livido e tremulo sentado no corredor.

O policia esforçava-se por lhe fazer beber uma gottá d'agua.

O criminalista ia melhorando e a energia voltou-lhe embora a cabeça lhe zumbisse como um cortiço cheio d'abelhas e embora os membros magoados o mortificassem ainda.

—A pancada não vinha de mãos delicadas certamente, disse elle ao creado.

—Será uma felicidade se eu responder, replicou este. Está um bom freguez o tal Roydon Stark, como o senhor lhe chamou!

—Roydon Stark! exclamou Tom Luttrell. Era assim que se chamava esse homem?

«Julguei realmente que fosse o inspector Tenlock de Scotland Yard.

—Um bello inspector, não haja duvida! Eis tudo quanto ficou do sr. inspector Tenlock, disse rindo, Sherlock Holmes, apontando para as barbas postigas caidas no chão. Lembra-se talvez do caso d'um millionario americano a quem roubaram em Paris da maneira mais audaciosa a quantia de 40.000 libras? E' verdade que o gatuno, o tal intrujão que se serviu, para conseguir os seus fins, do titulo de lord Bam-bury, não se tornou conhecido publicamente, mas a policia, tão bem como eu, sabia que o homem era um atrevido patife chamado Roydon Stark. Desde então anda-se empenhadamente em procura d'elle e ha pouco tive-o agarrado. Mas agora, escusado será dizel o, escoedeu-se de novo nas trevas de Londres.

—Roydon Stark! reflectiu Luttrell. Nunca ouvi tal nome. Esse homem estaria em relações com meu tio?

—Talvez seja elle um dos seus assassinos, senhor, —interrompeu Trauter.

—Não, isso não me parece, —disse o grande criminalista abanando a cabeça.

—Mas, então, como se explica este novo mysterio? —retorquiu Tom. —Qual a intenção que trouxe esse homem aqui?

Sherlock Holmes encolheu os hombros, respondendo:

—Tambem o não sei ainda,

Sherlock Holmes acendeu com a fleugma apparente que lhe era peculiar o seu cachimbo, enquanto o cerebro estava em plena actividade. Para elle não era já mysterioso aquelle enigma.

Assim como se confirmavam as suas suspeitas a respeito do desaparecimento de Chadwick, julgava conhecer também o motivo que levava Roydon Stark a voltar ao theatro do crime,

Era na realidade uma cadeia d'idéas d'uma novidade surpreendente que dentro em poucos minutos se fechavam como um anel.

—Quem sabe se não haveria na vida de Chadwick algum segredo, —pensou ele, —segredo que é melhor encerrar com elle no tumulto?

Estava quasi inclinado a não profundar o caso por causa de Tom Luttrell e prestes a aconselhar ao joven que disistisse, mas o caso que nas suas particularidades tanto se afastava da vulgaridade dos crimes aguçava a sua curiosidade profissional, instigando-o poderosamente a não deixar nas trevas do mysterio caso tão enigmatico.

No atelier continuava tudo como d'antes. Holmes tirou o microscopio, ajoelhou-se no tapete manchado de sangue e examinou atentamente e com a ajuda da sua lanterna electrica de bolso o soalho, até que finalmente retirou com os dedos polegar e indicador qualquer coisa do chão, mettendo-a n'um sobscripto preparado para esse effeito.

Em seguida levantou-se.

—O que foi que achou aqui, sr. Holmes? Mais cabellos?—perguntou Tom Luttrell admirado.

—E' verdade,—disse Holmes. Agora acabei as minhas investigações n'este aposento. O inspector Gordon pode pois appôr-lhe os sellos quando vier.

—Sr. Luttrell, desejava falar-lhe amanhã outra vez. Não o incomodo pedindo-lhe para ir a minha casa mais ou menos ás 3 horas?

—Irei!—respondeu Tom com a maior simplicidade.

CAPITULO V

Um attentado contra Sherlock Holmes

Era já quasi meia noite e Backer Street estava bastante solitaria, embora passassem coupés e omnibus quasi sem interrupção.

Onde o passeio estava menos illuminado via-se um homem com um casaco amarello, esperando um omnibus. Alguns minutos depois, vendo chegar um coupé, o qual parou defronte d'uma certa casa da visinhança, o que esperava pôz-se a andar e desapareceu apressadamente dobrando a esquina d'uma pequena travessa.

O passageiro do coupé era Sherlock Holmes, que voltava de Butland Gate. Pagou ao cocheiro, este afastou-se e tirando do bolso um molho de chaves começou a subir a escada.

No momento em que subia deu-se uma horrivel explosão que o atirou pela escada abaixo.

Em seguida fez-se ouvir outra tremenda detonação, acompanhada d'um rapido clarão intenso como a luz do dia e as vidraças da bandeira da porta cahiram em estilhaços; ao mesmo tempo ouvia-se no pateo o ladrar do cão. A rua movimentou-se immediatamente. De todos os lados se ouviam gritos e em todas as casas da visinhança abriam se precipitadamente as janellas.

Um omnibus que ia a passar parou e os passageiros apearam-se todos. N'um abrir e fechar d'olhos juntou-se grande numero de homens que ampararam Sherlock Holmes quando elle se pôz de pé. Finalmente accorreu um agente de policia e depois outro e outro.

Sherlock Holmes tinha-se livrado de boa, e a não ser uma pequena commoção nada sofrera, o que bem podia considerar-se um milagre.

—Foi um attentado contra a minha vida,—disse elle em voz baixa aos agentes de policia.—Collocaram uma quantidade de dynamite deante da porta, que explodiu assim que cheguei. Não façam caso d'isso e mesmo não serve de nada procurar o patife.

—O carpinteiro não tem pouco que fazer amanhã,—disse um dos policiaes.

E era verdade.

Emquanto o seu collega ficava á porta, entrou o outro na casa juntamente com o criminalista, verificando então todo o alcance do damno causado. A força explosiva operára no interior da casa e era a essa circumstancia que Sherlock Holmes devia a vida.

Todo o sobrado da sala de entrada e das contiguas estava despedaçado, a porta tinha sido arrancada dos gonzos, das paredes pendia o papel a do tecto haviam cahido grandes pedaços de estuque e muita cal; um bengaleiro, uma cadeira e um banco tinham sido arremessados para o fundo do vestibulo.

—Isto chama se escapar á morte por um triz, disse o agente de policia tirando um livro de apontamentos do bolso.—Tenho de apresentar queixa. Suspeita d'alguem?

—Tenho muitos inimigos,—respondeu Sherlock Holmes, encolhendo os hombros.

—Sim, naturalmente. Isso acredito eu. Uma simples noticia d'esta patifaria será o bastante. Um meu colega ficará aqui até amanhã.

Passados vinte minutos, estava tudo sosegado. Collocaram a porta no seu logar e fóra, onde a multidão se comprimia, estava um policia de guarda. Sherlock Holmes entrou no seu escriptorio.

Mudou de fato, pois o que vestia estava muito damnificado. Sentou-se n'uma cadeira de braços, fumando o seu cachimbo; ao lado estava um copo com whistey e soda.

Estava pensando no attentado cuja effectuação lhe parecia explicavel em todos os pontos, excepto n'um.

—Roydon Stark foi quem me quiz assassinar. Porque será que elle recorre a meios tão desesperados? Talvez tema que eu o prenda por causa da burla que cometeu em Paris. Não, não é esse o motivo. Deve haver outra razão importante para elle. Naturalmente quer-se desembaraçar de mim para ficar mais á vontade em Londres.

«Prepara aqui qualquer empreza e sem duvida quer desbravar o terreno. Ora eu sei de que natureza é essa empreza!»

O criminalista bebeu o whisky e pensou n'outra coisa. A noite avançou mas Holmes não tinha vontade de dormir.

Depois de ter procurado na estante algumas obras scientificas foi para o laboratorio, accendeu duas lampadas d'uma luz muito intensa, uma das quaes ficava justamente por cima da mesa de trabalho. Em seguida tirou os dois cabellos do sobrescripto onde os mettera, pondo-os em cima d'um vidro, e examinou-os com o microscopio. Folheando os livros encontrou finalmente uma pagina que o interessou e em cima da qual collocou um peso.

O exame dos dois cabellos que Sherlock Holmes achára á noite no atelier de Chadwick durou mais de meia hora. Minutos seguidos olhou para a lente do microscopio e de novo consultava o livro, contemplando demoradamente uma pagina illustrada com a photographia de cabellos, até que finalmente fechou o volume e metten o precioso instrumento n'um estojo.

O exame estava terminado e no seu olhar brilhou um clarão de triumpho.

—Tal e qual como julguei, disse de si para consigo. A prova é cabal. A manga do casaco foi molhada em sangue de coelho e os dois cabellos são pello de coelho. Mas isto não basta, embora já seja um bom começo. Preciso comparar os tres corpos de delicto— a mecha de cabellos, a carta e as dedadas. De Scotland Yard não contrariam certamente a minha teoria. Elles não procuram cabellos. Mas por hoje basta.

Depois de apagar as lampadas, entrou o criminalista no seu quarto de dormir e d'ahi a um quarto de hora estava profundamente adormecido.

Dormia sempre bem quaesquer que fossem os problemas que lhe preoccupassem o espirito.

No dia seguinte, cerca das tres horas, falou com o advogado Renshaw pelo telephone, sendo informado de que Macmaduke Lushington tinha n'essa mesma manhã visitado o advogado.

As disposições do testamento de Chadwick haviam surpreendido Lushington sobremaneira. Falára pouco sobre o caso e deixára ao advogado uma impressão favoravel da sua pessoa. De resto, achava-o Renshaw um *gentleman* opinão, que transmitia a Holmes.

Pouco tempo depois d'essa conversa annunciou a governanta Tons Luttrell, Sherlock Holmes encaminhou-se com este para a casa do herdeiro de Chadwick.

CAPITULO VI

Lushington chora de commoção

—Façam favor de entrar meus senhores, disse a creada de Lushington a d is visitantes que esperavam no vestibulo da casa de Bakingham Street, depois de terem entregue os seus cartões de visita.

Os olhos de Tom Luttrell tinham uma expressão nervosa e tambem Sherlock Holmes tinha o presentimento de que quer que fosse que não podia exprimir quando subiram a escada acompanhados da creada.

No segundo patamar notava-se um pronunciado cheiro a tabaco.

—Diga-me, sr. Luttrell, perguntou Sherlock Holmes, com ar de quem não liga importancia á pergunta, que costumava seu tio fumar?

—Fumava raras vezes e quando o fazia fumava uma certa marca de charutos de Havana, sr. Holmes, disse este quasi imperceptivelmente e de mais em mais nervoso. Parece-me ou antes tenho até a certeza de que vamos vêr agora o seu assassino.

—Disparate! respondeu Holmes, tentando tranquilisar o seu companheiro. Afaste essa ideia.

Não puderam trocar mais impressões. A creada, que ia adeante, abriu a porta e no mesmo instante encontraram-se Sherlock Holmes e Tom Luttrell cara a cara com o mysterioso Macmaduke Lushington, o

homem que, d'uma maneira inexplicavel, herdara de Arthur Chadwick um rendimento annual de 8.000 libras ou sejam 36 contos de réis.

Levantou-se immediatamente d'uma cadeira collocada junto da janella, sentado na qual acabára de fumar n'um rico e grande cachimbo de espuma de mar, um homem forte dos seus quarenta annos, de estatura regular, que olhou para elles atravez das suas lunetas.

Estava elegantemente vestido, o rosto era sulcado de profundas rugas e o cabello castanho já estava mais ou menos grisalho.

—Queiram ter a bondade de se assentar, meus senhores, disse elle pausadamente.

Os visitantes sentaram-se e Sherlock Holmes lançou um rapido olhar a tudo que o cercava, examinando tudo com olhos de conhecedor.

A sua primeira impressão foi de decepção. No chão viam-se peles de tigre, de panthera e d'urso; a estante de porta de vidro continha somente obras sobre viagens e explorações e as paredes estavam ornamentadas com espingardas e pistolas, retratos emmol durados, scenas guerreiras da India, uma coleção completa d'armas e utensilios exóticos assim como tropheus proprios para paizes longiquos. Pelo visto o proprietario d'aquelle aposento era apreciador de grandes viagens, impressão que se confirmava pelo seu rosto todo queimado do sol.

—A sua visita nada me surpreende, começou Macmaduke Lushington. O seu nome, sr. Holmes, não me é, como deve supôr, desconhecido e por isso calculava que o senhor não deixaria de vir aqui. Pelo que diz respeito ao sr. Luttrell, creia que muito me alegra o conhecê-lo, embora lastime do coração o motivo que o traz aqui. Seu tio mais d'uma vez me falou em si. O senhor veio certamente com o fim de saber aqui alguma coisa sobre o destino tragico do sr. Chadwick?

—E' isso mesmo, senhor, disse Tom Luttrell, desabafando. Desejava uma explicação do senhor como...

—Espere, espere, meu joven amigo, não tenha pressa, interrompeu Sherlock Holmes. A intenção d'elle é boa, sr. Lushington, mas está desviado por causa do que aconteceu; o que é natural. Comtudo é verdade que viemos na esperanza de obter do senhor algumas informações. Conhecemos as disposições do testamento e sabemos egualmente que o senhor Chadwick lhe mandou no mesmo dia da sua morte um cheque de 2.000 libras.

—Sim, 2.000 libras, exclamou Tom Luttrell. E agora o senhor fica a receber 8.000 libras por anno! Julgo, pois, que é preciso uma explicação.

Macmaduke Lushington conservou-se completamente calmo.

—Não sei o que teria que esconder, disse elle, sorrindo. O que lhe posso dizer é pouquissimo. Ha dias apenas que cheguei a Londres depois d'uma longa ausencia. Pelo stimo correio da tarde recebi um che-

que de 2.000 libras do sr. Chadwick com quem tinha estado no Club ao meio-dia; no dia seguinte li nos jornaes a descripção da mysteriosa tragedia de Rutland Gate. Esta manhã fui ao escriptario do sr. Renshaw depois d'elle ter pedido hontem a minha visita por carta. Para maior surpresa minha, soube então que tinha sido nomeado herdeiro. Na verdade nunca imaginára tal generosidade.

—O senhor é mais velho que o sr. Chadwick? perguntou o criminalista.

—Sim, seis ou sete annos, explicou Lushington. As nossas relações datam talvez de ha 12 annos; durante todo esse tempo vi-o pouquissimas vezes, porque com a excepção d'algumas semanas no anno viajava nos paizes tropicaes. Mas o inglez, como sabe, tem que ter forçosamente um sitio que chame o seu lar, é esse o motivo que me fez alugar esta casa. Pelas conversas que tive com o sr. Chadwick, nunca suppuz que elle pudesse ter inimigos e não sei na verdade explicar tão horrivel facto. A não ser o estranho desaparecimento do cadaver, parece-me tratar-se d'um assassinio cujo mobil foi o roubo.

—Pois ahí é que está o enigma! replicou Sherlock Holmes. Desejava fazer-lhe agora uma serie de perguntas:

«Primeiro: que motivo tinha o sr. Chadwick para lhe mandar 2.000 libras?»

—Simplemente por bondade. Eramos amigos velhos, como já disse. Eis uma carta em que me comunica que tinha vendido algumas obrigações com bons ganhos e me pedia que acceitasse uma parte d'este ganho.

O criminalista leu a carta que era do mesmo teor da que Tom Luttrell tinha recebido.

—E quanto ao testamento? perguntou Holmes. A sua amizade com o sr. Chadwick era tão intima que justificasse a sua resolução, e basta-lhe esta explicação?

—Tenho que concordar comsigo, não era, Holmes. E por isso antes o queria censurar. Mas havia ainda um motivo mais afastado, visto o senhor querer que eu falle. Prestei em tempos um serviço a Arthur Chadwick, que elle nunca esqueceu. A mim pouco custou isso, mas a elle salvou-lhe a vida e desde esse tempo considerou-se sempre meu devedor.

—Quando e onde aconteceu isso?

—Em Paris, ha doze annos.

—E de que natureza foi esse serviço? continuou Sherlock Holmes.

Macmaduke Lushington olhou para o criminalista com um olhar investigador e firme.

—Tenho pena, mas devo calar-me sobre tal assumpto.

—Mas porquê?

—E' preciso perguntar-m'o, sr. Holmes? O senhor conhece o mundo.

«Na vida de todos os homens ha qualquer coisa, —por mais puro e immaculado que seja o seu caracter— de que se quer guardar segredo. Espero que

me reconheça o direito de ser discreto e que se não occupe mais do assumpto. Com respeito á fortuna que herdei, julgar-me ia um usurpador de direitos que me não pertencem, mas ao sr. Luttrell peço-lhe pois para que receba pelo menos metade d'essa fortuna.

—O dinheiro! exclamou Tom Luttrell com violencia. Não foi para isso que vim aqui. Deixe-me em paz com o seu miseravel dinheiro, não acceito nem um penny. Se possuisse o banco d'Inglaterra, mesmo que ficasse dez vezes millionario, dava tudo se pudesse chamar meu pobre tio á vida.

—Não está então resentido com elle? perguntou Macmaduke Lushington n'um tom de surpresa.

—Pelo amor de Deus, nem fallar em tal! exclamou o mancebo. Elle podia fazer da sua fortuna o que lhe appetecesse. Olhava bem por mim. Porque havia eu de estar resentido com elle? Meu tio era para mim um pae, sr. Lushington, e como tal o amava. E o senhor atreveu-se a fallar d'elle em termos duvidosos e a indicar por meias palavras coisas estranhas que affectam a sua honra.

—Não, não! desculpou-se Lushington.

—Pense no que diz, sr. Luttrell, disse Sherlock Holmes, em tom conciliador.

—E' a verdade, continuou Tom, nervoso. Não admitto isso. Meu tio era homem de caracter, um homem honradissimo e não permitto a ninguem que ponha a menor sombra na reputação immaculada da sua memoria. A voz tremia de raiva e agitação nervosa.

—Está no seu direito, disse Lushington quasi imperceptivelmente.

A sua tranquillidade estava profundamente abalada, os labios tremiam-lhe. Levantou-se e aproximou-se um momento da janella. Sherlock Holmes percebeu que uma lagrima lhe deslisava ao longo das faces.

Depois voltou-se. Na sua physionomia via-se uma leve contracção, estava commovido.

Em seguida estendeu a mão a Luttrell.

—Eu estava doido, disse elle com precipitação. Sr. Luttrell, admiro o seu nobre zelo na defeza de seu tio, que era tambem o meu melhor amigo. Quem me dera ter um filho como o senhor!

Tom Luttrell tocou quasi com desdem na mão estendida de Lushington e, abanando a cabeça:

—Sr. Lushington, tenha a certeza de que sacrificarei a minha vida para vingar o assassinio de meu tio.

Macmaduke encolheu os hombros. A commoção tinha-lhe passado e estava calmo como anteriormente. Os visitantes levantaram-se para se retirarem. Lushington aproximou-se da porta para a abrir.

—Sinto muitissimo não lhes poder ser util, meus senhores, disse elle. Ficarei algumas semanas em Londres, caso me queiram procurar novamente.

Tom Luttrell e o criminalista cumprimentaram silenciosamente e sahiram.

CAPITULO IX

De cara a cara com Roydon Stark

A visita a casa de Macmaduke Lushington realisara-se n'uma sexta-feira á tarde e durante os tres dias seguintes occupou-se Sherlock Holmes com as investigações sobre o paradeiro de Roydon Stark. homem extraordinariamente perigoso tanto para a sua segurança como para os seus planos. Holmes tinha por isso, grande empenho em entregar o á policia de França, devido ás burlas por elle cometidas em Paris.

Mas todos os seus trabalhos e investigações foram infructiferas. Roydon Stark tinha desaparecido. Devia estar n'algum esconderijo, onde se conservaria tranquillo durante algum tempo.

Não se atreveu a apparecer nas proximidades de Baker Street—o criminalista tinha-lhe preparado varias armadilhas—e tambem não foi a Buckingham Street, que estava bem vigiada pelo ajudante de Holmes, Harry Taxon.

Harry observou que Macmaduke Lushington tinha jantado sexta, sabbado e domingo no Royal Restaurant, em Picadilly, demorando-se ali sempre desde as 8 até ás 9 1/2 horas da noite.

O mysterio de Rutland Gate era o assumpto de conversação de quasi toda a Londres e os principaes funcionarios da Scotland Yard, apesar de não terem pista, alguma não poupavam trabalhos e incommodos para encontrar o cadaver de Arthur Chadwick.

Chegou a segunda-feira, um dia triste e chuvoso, levantando-se á noite denso nevoeiro.

Eram 8 horas e meia e já completamente escuro quando um homem alto, de cabello rapado e com oculos de aros d'ouro, se apeou d'um cab proximo de Charing Cross,

Estava apenas havia alguns minutos no passeio quando se lhe juntou outro homem. Ambos entraram na gare.

—Quasi que o não reconhecia, disse Harry. O senhor parece-se tanto que se confunde com Macmaduke Lushington; ate os fatos são os mesmos. A governanta certamente julgará ter deante de si o amo.

—E onde está n'este momento o verdadeiro Lushington? perguntou Sherlock Holmes.

—Segui-o hoje como de costume até ao Royal Restaurant, respondeu o ajudante, e ainda não está lá ha dez minutos. O campo está livre. O senhor tem mais de uma hora deante de si.

—Isso é o bastante. Viste alguma coisa que pudesse ter relação com Roydon Stark?

—Bem estive á espreita, mas nada vi de suspeito. Que hei de fazer agora?

—Deves ter fome, Harry. Come primeiro alguma coisa e depois posta-te nas proximidades da casa.

Loma bem sentido, pois é muito possivel que Roydon

Stark appareça esta noite, depois de se ter escondido durante tres dias.

—Sim, senhor! disse Harry Taxon.

Os dois separaram-se e o criminalista, imitando admiravelmente Macmaduke Lushington, desceu rapidamente Buckingham Street. Ao chegar em frente da casa n.º 240 e vendo todas as janellas sem luz, pareceu-lhe o seu disfarce desnecessario; mas conservou-o e entrou por meio de chave falsa na casa.

Fechou a porta, dando de cara com a governanta, que se approximava da escada com uma vela acesa.

—Volta tão cedo, sr. Lushington? disse ella, admirada.

—Esqueci-me d'uma carta importante, murmurou Sherlock Holmes.

—E' preciso mandal-a deitar no correio?

—Não, obrigado, vou-me já embora e levo-a eu mesmo.

—Nesse caso, vou-me deitar, pois tenho uma grande constipação. Boa noite, meu senhor.

—Boa noite! respondeu o criminalista.

A mulher voltou sem a menor suspeita para o seu quarto na cave, enquanto Sherlock Holmes subia tranquillamente a escada do segundo andar.

Tirando do bolso um molho de chaves, encontrou em breve a que procurava e entrou nos aposentos de Macmaduke Lushington. Lembrou-se de ter visto, por ocasião da sua visita, um botão na parede e quando tocou n'elle illuminaram-se ao mesmo tempo tres aposentos. A porta do quarto de cama estava aberta. A casa de jantar pouco interesse tinha para elle. Fechou a porta do corredor e entrou no quarto de cama.

O primeiro olhar foi para uma secretaria pequena e sem alçado, sobre a qual estavam uma caixa de tabaco e varios cachimbos, mas nem um unico charuto.

N'um momento abriu com uma das suas chaves a gaveta, encontrou grande quantidade de moedas d'ouro e de prata, papel de carta e sobrescriptos já amarelados pelo tempo, um livro de cheques em branco e jornaes velhos.

Fechou a gaveta de novo, examinando depois o gabinete sem encontrar cousa alguma que lhe despertasse a attenção.

Depois passou para o quarto de vestir, onde encontrou varios utensilios de toilette em prata, e ao inclinar-se para pegar n'uma escova de cabellos, pôz-se á escuta, pois lhe pareceram ouvir passos.

Voltou-se com a rapidez do raio quando se viu surpreendido. A' entrada da porta estava um homem esbelto, de cabellos castanhos. A sua mão direita, estendida, empunhava um revolver, apontado directamente ao peito do criminalista.

—Não faça barulho, se tem amor á vida, disse o desconhecido. Não sou ladrão, sr. Lushington, embora me atrevesse a entrar em sua casa. Desejava vel-o de perto, assim como examinar os papeis, que...

Calou-se de subito, fitando com os olhos muito abertos aquelle a quem se dirigia.

—Pelo ceu! Não é Macmaduke Lushington! grito

elle. Está muito bem disfarçado, mas esta luz intensa illumina-lhe bem as feições. Não me engano, Sherlock Holmes.

—E o senhor é Roydon Stark! replicou o criminalista com a maior calma.

—Sou eu mesmo, sim! E' homem corajoso, sr. Holmes!

—Esse cumprimento posso retribuir-lh'o!

—Os seus cumprimentos são-me indifferentes, disse Roydon Stark, cheio de raiva, por entre dentes e proferindo uma blasphemia. Mãos para o ar. Se tentar gritar ou fizer o menor movimento, mata-o hei. E fiquei sabendo que em caso algum sahirá d'aqui com vida.

—Era a coisa menos acertada e mais tola que poderia fazer, disse Sherlock Holmes, com flegma. Ambos viemos para o mesmo fim, naturalmente porque ambos temos interesse pela pessoa de Lushington. Será elle o assassino de Arthur Chadwick?

Stark sorriu com ironia.

—Julga-me então bastante tolo para acreditar que Chadwick esteja morto?

—N'esse caso, supponho que partilha da minha opinião, retorquiu o criminalista. Pois pense primeiro, não lhe parece melhor auxiliado por mim do que matar-me?

—Não, respeitavel sr. Holmes, não farei tal!— respondeu Roydon Stark com raiva.—N'outras circunstancias faria talvez outra coisa, mas tenho que proceder assim para minha defeza. A policia franceza procura-me e se trabalhássemos juntos estaria eu em breve nas mãos d'ella. Conheço bem a sua esper-teza. Não acredito nas suas promessas. Tenho que me demorar algum tempo em Londres e não estou seguro enquanto o senhor estiver vivo e se atravessasse sempre no meu caminho. Antes quero matar do que deixar-me prender e ter de ir para o presidio da Nova-Caledonia.

Ficaram silenciosos durante momentos. Sherlock Holmes sabia que era inutil gastar palavras e sabia tambem que o malvado o tentaria matar.

Restava-lhe só um recurso e d'esse se serviu.

N'um movimento brusco, atirou-se sobre elle, ouviu-se uma detonação surda e Holmes cahiu de bruços sem soltar um gemido sequer. Parecia mortalmente ferido.

Roydon Stark não duvidava de que o tinha matado. Tornou-se livido e estremeceu quando olhou para o criminalista, que immovel jazia por terra; o seu maior inimigo, que finalmente conseguira afastar do caminho, viera para revistar a habitação. Agora não se atrevia a ficar, nem a tocar fosse no que fosse.

Um grande terror se apoderou d'elle.

Escutando um momento e tremendo como varas verdes, sahio vagarosamente em bicos dos pés, fechando as portas dos differentes aposentos.

Uma forte campainhada, depois tudo ficou em trevas e n'um silencio de morte...

Mas Sherlock Holmes não tinha morrido. A bala

fôra achatar-se na cota de malha que levava sempre quando fazia excursões mais ou menos perigosas.

Comtudo a força com que a cota tinha sido abalada fez-lhe perder os sentidos e durante uns dez minutos ficou no sitio onde cahira sem tornar a si e quasi sem respiração. Finalmente pôz-se em pé, apalpando na escuridão aqui e acolá, em volta do quarto, até que finalmente encontrou a porta, que estava fechada.

—Estou prisioneiro!—pensou elle.—O patife fechou a porta do lado de fóra. Não posso contar com Harry. Tenho que sahir d'aqui forçosamente, embora seja preciso arrombar a porta e acordar a governante. Macmaduke Lushington não me ha d'encontrar aqui.

Mas o criminalista estava sem forças. A commoção fôra grande. A primeira tentativa d'arrombamento sentiu uma grande vertigem e grande fraqueza.

Ouvia apregoar os jornaes na rua e parecia-lhe ouvir o nome Chadwick.

Retrocedeu, cambaleou e cahiu n'um *fauteuil*. Não se ponde levantar.

Passado minutos, viu subitamente illuminar-se tudo com luz electrica. Sentiu-se a chave dar volta na fechadura, a porta abriu-se e Macmaduke Lushington entrou no seu quarto de cama.

Espavorido e recuando, olhou para Sherlock Holmes sentado na poltrona e já sem a barba postiga.

—Queira desculpar-me,—disse o criminalista.—Está certamente muito admirado!

—Nem por isso!—foi a resposta seca.—Pelo contrario, sr. Holmes. Os policiaes secretas teem costumes extraordinarios. Por isso escusa de me dar explicações. Vejo que se não sente bem, queira esperar um momento.

Macmaduke Lushington abriu um armario, deitou algum brandy n'um copo d'agua.

Sherlock Holmes tomou a bebida e sentiu-se reanimado. Nunca na sua vida se encontrára em situação tão ridicula e na realidade não sabia o que dizer.

—Estou n'uma pista errada,—começou elle—e nada mais me resta a fazer que falar-lhe francamente. Não quero desculpar-me, senhor. Vim aqui para revistar a sua casa, porque me não convenci por completo da sua innocencia na morte do sr. Chadwick.

—Suppoz isso mesmo,—retorquiu Lushington.—Sabia que tem duvidas a respeito das minhas palavras e concordo que é natural. Por isso só lhe posso renovar os protestos da minha innocencia no caso. Mas como succeden encontra-o fechado no meu quarto de cama?

—A explicação parecer-lhe-ha estranha, mas dou-lhe a minha palavra de honra de que é absolutamente verdadeira. Fui surpreendido por um ladrão.

Macmaduke Lushington recuou um passo e empalideceu.

—Um ladrão?—murmurou elle, reflectindo.

—Certamente, não era outra coisa.—Entrou aqui com a maior precaução e quando me voltei deu-me um tiro. A bala foi achatar-se na cota de malha que

trago, mas a violencia da pancada fez-me desmaiar e justamente quando o senhor entrou, voltei á mim.

—Conheceu o homem?—perguntou Macmaduke Lushington com ar d'indiferença.

Sherlock Holmes hesitou um momento. Tinha empenho em vêr o effeito que produziria o nome de Roydon Stark, mas por outro lado receiava destruir os seus futuros planos, no caso em que Lushington desapparecesse da Buckingham Street com medo de Stark.

—Não,—disse elle,—devia ser um d'esses ladrões vulgares. Mas o que tenciona fazer de mim? Tem me nas suas mãos. Quer prender-me ou deixar-me em liberdade?

—Seria na verdade muito interessante entregar Sherlock Holmes, o maior inimigo de todo o criminalismo, nas mãos do juiz d'instrução criminal,—disse Lushington, rindo.—Por isso, parece-me mais acertado deixa-lo ir embora. Só o seu grande zelo pela sorte do meu amigo o trouxe aqui. Ainda me julga culpado do assassinio de Chadwick?

O criminalista admirou-se de que Lushington, em vez de se mostrar offendido, lhe falasse tão amavelmente. Lembrou-se de apalpar o terreno.

—Depois de ter revistado a sua casa mudei d'opinião—respondeu elle. Mas tenho fundadas suspeitas de que o sr. Chadwick não morreu.

—Oxalá que o senhor tivesse razão,—disse Lushington.—De todo o coração o desejava, mas, infelizmente, engana-se, sr. Holmes. Não ouviu apregoar os vendedores de jornaes? Tome e veja.

E deante dos olhos de Holmes desdobrou um suplemento do *Evening News*. O criminalista viu um pequeno artigo e, apenas leu a epigrapha, as letras pareceram-lhe dez vezes maior.

«O cadaver de Chadwick foi encontrado esta tarde no Tamisa atraz de Bermondsey, e foi depositado na taberna do «Blue dog», Bermondsey Wall. A identidade estabeleceu-se pelo fato e pelo que continham os bolsos».

Na phisionomia sombria de Macmaduke Lushington podia notar-se uma momentanea expressão d'alegria, que Sherlock Holmes não observou, porque o criminalista estava surprehendidissimo. Se alguma vez na sua vida pudesse ter sido ludibriado ou enganado, sel-o-hia d'esta. As suas theorias, cuja plena confirmação tinha esperado até aquelle momento, cahiam pela base.

—Era isso mesmo que eu supunha,—disse Lushington.—Era de prever que o cadaver se encontraria em qualquer parte.

—Visto ter apparecido o cadaver de Arthur Chadwick,—disse Holmes—perdeu o mysterio de Rutland Gate todo o interesse.

Emquanto falou aproximou-se do *toilette*.

—A lucta com o ladrão deixou-me o fato e todo o meu exterior em horrivel desalinho, accrescentou elle. Permitta-me que...

Pegou n'uma escova de cabelo com embutidos de

marfim e passando com um rapido e agil movimento os dedos pelas sedas, tirou alguns cabellos que se via serem da cabeça de Lushington. Metten os no bolso do colete e passou a escova pelos seus cabellos erriçados.

Depois apanhou o chapen do chão.

—E' tempo de me ir embora, disse elle. O senhor foi muito amavel para comigo!

—Não lhe quero mal, respondeu Macmaduke Lushington, dirigindo-se para a saleta. Fez o que o seu daver lhe inspirou e além d'isso evitou que eu fosse roubado. Mas ouça, sr. Holmes. Caso ainda nutra suspeitas contra mim e queira revistar a minha casa está ás suas ordens.

—Agradeço-lhe, mas seria uma offensa que afinal de nada serviria.

«Boas noites, sr. Lushington.

Dito isto sahio do aposento e momentos depois estava na rua.

CAPITULO VIII

O falso creado

A tenção de Sherlock Holmes era ir ver o cadaver de Chadwick e de verificar a sua identidade. Tinha razão em se apressar, porque Roydon Stark não tinha n'isso menos empenho do que elle.

—Não me admirava nada se encontrasse Roydon Stark no «Blue Dog», pensou o criminalista. Elle disfarça-se com certeza para ir vêr o cadaver á vontade. Por isso terei tempo de levar Tom Luttrell e «Jago» comigo. Podem ser-me uteis.

Sherlock Holmes estava ao pé de Viliers Street; Dirigiu-se a *gare* e teve a sorte de apanhar um comboio que partia para léste. Passados dez minutos chegava ao Lud-Resington. D'ali fez-se transportar n'um *cab* até Rutland Gate, chegando no momento em que Tom Luttrell abria a porta de casa.

—Sr. Holmes, exclamou este, já leu o *Evening News*? Tranter tinha ouvido apregoar e comprou-o.

—Já sei tudo, sr. Luttrell. Para onde tencionava ir?

—Para Bermondsey. Preciso ver o cadaver.

—Vou comsigo e foi para isso que aqui vim.

O mancebo subiu para a carruagem que os esperava. Holmes nada disse durante o curto trajecto até Baker Street das aventuras da noite.

Não encontrou Harry em casa e voltou depressa com Jago para a carruagem.

—O carro é pequeno, sr. Luttrell, temos que nos aprear, disse o genial policia subindo juntamente com o cão.

Os *cabs* de duas rodas, que são extraordinariamente velozes, teem em Londres logar apenas para duas pessoas.

A carruagem dirigiu-se velozmente para este, atra

vessando Oxford Street, onde, n'um mar de luzes, se seguem as grandes lojas umas ás outras, depois New Gate Street e Cheapside e finalmente a ponte de Londres.

N'uma velocidade vertiginosa passaram os grandes casernes do sul, dirigindo-se para o lado dos espaçosos armazens e docas e poucos minutos depois da meia noite chegaram á taberna do «Blue Dog», que ficava situada n'uma pequena praça. Estava fechada.

Em frente da casa via-se um grupo de homens e na embucadura da rua estavam dois policiaes.

Depois de ter pago e despedido a carruagem, pois não queria que esta ficasse parada á porta, tirou o criminalista o seu cartão do bolso e entregou-o a um dos policiaes.

—Este senhor é sobrinho de sr. Chadwick. Desejamos vêr o cadaver. Somos os primeiros? Scotland Yard mandou alguém?

—Ainda não, senhor. O inspector Mac Gordon telephonou, dizendo que viria de madrugada.

—E mais ninguém veio aqui?

—Apenas alguns reporters. Ainda não ha cinco horas que o cadaver foi tirado da agua.

Sherlock Holmes dirigiu-se ao outro policia.

—Peço-lhe que fique aqui. D'um para outro momento deve chegar um sujeito que pretenderá vêr o cadaver invocando um pretexto plausivel. Se apparecer mande-o esperar e avise-me. Mas não diga que estou aqui. E' preciso que elle julgue que está aqui só.

Seguido pelo criminalista, Jago e Tom Luttrell, este pallido e nervoso, dirigiu-se um dos agentes, atravessando uma pequena avenida, para a taberna, que tinha um pequeno pateo arborizado.

D'ambos os lados viam-se casas e algumas grangas. Nas traseiras do pateo havia uma especie de cavallaria muito primitiva, ou antes uma barraca feita com taboas e cuja parte dianteira aberta e sem portas dava para o pateo.

Estendido ali sobre uma porta carunchosa e velha descansando sobre tres troncos, estava um corpo bastante comprido, envolto n'uma coberta branca. Directamente sob o cadaver, preso n'um cordel, incidiam os raios da lanterna da cavallaria.

— Isto faz-me nervoso, balbuciou Tom Luttrell. Quem me dêra uma gotta de brandy!

—Tenha coragem, disse Sherlock Holmes.

Fez ao agente um signal para esperar, tirou d'um canto uma vela de embarcação muito velha e remendada, pregou-a com alguns pregos ferrugentos nas paredes, separando assim no fundo da cavallaria um pequeno espaço triangular.

Depois tirou o lençol branco do cadaver estendido e chamou Tom Luttrell que, tomado de um grande pavor, se aproximou.

Durante uns momentos ficou tudo silencioso. A luz da lanterna illuminava com os seus raios tristes e sombrios o corpo descoberto de um homem fraco e de meia idade com barba e bigode castanhos; os cabellos fartos eram da mesma côr. O rosto estava completa-

mente desfigurado, as mãos inchadas e golpeadas. Estava vestido com um fato completo de *soirée*: botas de pulimento, calça preta, colete decotado e camisa branca com abotoadura de brilhantes e, coisa estranha, por cima d'isso um casaco de veludo castanho. D'este ultimo faltava a manga esquerda, que estava arrancada.

—Ainda pode duvidar? perguntou Sherlock Holmes apoz algum tempo.

—Não, toda a esperanza desapareceu! disse Luttrell em voz rouca, enquanto duas grandes lagrimas lhe corriam ao longo das faces. O fato, a manga, tudo é evidente.

«A phisionomia já se não distingue, mas isso não importa.

—Este infeliz devia estar ha já algum tempo na agua, interrompeu o agente de policia, e foi horrivelmente maltratado, naturalmente pela helice d'algum navio.

Sherlock Holmes abanou a cabeça. Um leve raio de esperanza lhe inundára o peito á sua chegada a Bermondsey, mas agora tudo desaparecia. A desillusão era amarga e uma tristeza infinita se apoderára d'elle. Não restava duvida alguma de que toda a sua theoria tão genialmente architectada cahia por terra em frente do cadaver de Arthur Chadwick.

—E' certo, certissimo, continuou Tom Luttrell, soluçando, que é meu tio.

—O que se lhe achou nos bolsos, Stockley? perguntou Holmes ao policia.

—Um mólho de chaves, alguns shillings em prata e tres bilhetes de visita do sr. Chadwick.

—Seu tio usava aneis, sr. Luttrell? perguntou o genial policia, olhando para a mão quasi esmagada do cadaver.

—Não, respondeu o mancebo.

—Quem achou o cadaver, Stockley? — continuou Sherlock Holmes.

—Um velho lobo do mar, Gaffer Guffins, explicou o interrogado. Trouxe-o para a praia no seu barco e entregou-o ao guarda.

—Como é que esse homem encontrou o cadaver?

—E' a sua profissão, senhor; já a exerce ha vinte annos. Anda no rio de dia e de noite.

—Que cadastro tem elle?

—Não é dos melhores sr. Holmes.

O criminalista encolheu os hombros. Valeria a pena entrevistar o velho Gaffer Guffins?

Entrou o outro policia.

—Está alli um individuo, annunciou elle, que queria vêr o cadaver e disse que elle...

—Está bem, respondeu Holmes, não o deve deixar só, senão elle entra aqui.

Cobriram de novo o cadaver com o lençol; o criminalista deu ao policia algumas indicações e escondeu-se depois com Tom Luttrell e Jago atraz do panno de lona, aconselhando a maxima calma e precaução.

CAPITULO X

A caça por cima dos telhados

Passados poucos minutos atravessou o policia, seguido o visitante, o pateo. Era um homem alto, já de certa idade. Trazia um casaco, chapéu de feltro molle, e usava suissas recentemente aparadas.

—Chamo-me Franter, disse elle para Stockley com voz pausada, apenas entrou na cavallaria. Sou creado do sr. Chadwick, que Deus haja, e venho mandado por seu sobrinho, cujo estado de consternação lhe não permite vir pessoalmente.

—Meu Deus, murmurava este atraz da cortina, dominando a custo o seu furor, que grande patife, que mentiroso!

—Silencio! disse Sherlock Holmes devagarinho, aconselhando-lhe calma e pegando lhe n'um braço. Deixe-me entregue isto só a mim. Vamos vêr o que acontece.

O policia tinha no emtanto retirado o lençol e o falso Franter fitou o corpo durante algum tempo, esforçando-se aparentemente por examinar á luz da lanterna as feições desfiguradas. No primeiro momento apresentava certa commoção; depois inclinou-se sobre o braço esquerdo, puxou a manga da camisa para cima e approximou o olhar muito perto do braço nu e inchado. N'um momento, ergueu-se e um raio de contentamento e triumpho lhe reluziu no rosto.

—Elle procurou qualquer signal, disse o criminalista, reflectindo. E esse signal não o tem o cadaver. O visitante deu um profundo suspiro e fingiu limpar os olhos com um lenço.

—Meu pobre amo, disse elle com voz suffocada pelas lagrimas. Eu... esperava que não fosse elle. Sempre julguei ainda que elle estivesse vivo. Mas é elle, é, sim, pobre sr. Chadwick, e... morte e diabo! Calou-se.

Um dos pregos ferrugentos despregou-se e a lona cahiu, deixando o criminalista, Tom Luttrell e o cão a descoberto. Immediatamente fugiu o supposto creado e com um grito de espanto correu a bom correr para fóra da cavallaria.

—Agarrem-no! exclamou Sherlock Holmes. Agarrem esse homem. E' Roydon Stark.

Jago começou a ladrar dando um salto e começando a perseguir o fugitivo. O criminalista estava já com tenção de sahir do esconderijo, tinha já empunhado o revolver, mas a queda da lona antes de tempo destruiu todos os planos.

O fugitivo era esperto de mais para se dirigir para a avenida. N'um abrir e fechar d'olhos atirou um dos policiaes por terra, e o cão, querendo passar por entre as pernas de Stockley, fez cahir este.

Roydon Stark correu para o outro lado do pateo e enquanto elle saltava por cima d'um tonel agarrando-se com as mãos á borda do muro, perseguia-o Jago agarrando-lhe n'um enorme salto a ponta do sobretudo.

—Já o apanhou, gritou Luttrell. Por aqui!

Mas antes d'elle chegar junto do fugitivo rasgou-se

o sobretudo e o cão, com um boocado de panno entre os dentes, cahiu por terra.

Com a rapidez do raio, saltou Roydon Stark por cima do muro. No mesmo momento Sherlock Holmes corria atraz d'elle.

Podia ter morto o fugitivo, mas o genial policia não quiz.

—Venha depressa de volta com o cão, Luttrell! o senhor e os policiaes! gritou elle. Depressa, depressa, o patife foge para o rio.

Da borda do muro chegava-se facilmente ao telhado da cocheira e Roydon Stark e Sherlock Holmes continuavam nos seus saltos audaciosos até se perderem no espesso nevoeiro. Tinham saltado para uma segunda cocheira, depois para uma terceira.

—Alto, senão dou lhe um tiro! exclamou Sherlock Holmes. De nada lhe serve fugir, Stark!

—Nós veremos se me serve ou não, foi a resposta cheia de raiva. O senhor bem sabe que é mais facil matar-me que deixar-me apanhar.

Assim falando, deu uma reviravolta; o revolver reluzia lhe na mão. Ouviu-se um tiro e uma bala assobiou por sobre a cabeça de Holmes, que se abaixára para evitar ser attingido.

Continuando na sua perseguição deu Sherlock Holmes outro tiro que falhou. Roydon Stark não quiz expor-se a novo tiro; tinha-se adeantado bastante e tratou de empregar todos os meios para escapar. Continuando a correr, saltou velozmente mais cinco ou seis telhados e depois desapareceu. Quando Sherlock Holmes, passados alguns segundos, chegou ao sitio onde elle desaparecera, sentiu um leve calafrio ao ver o enorme espaço que o separava da terra firme.

—Mas o que Roydon Stark foi capaz de fazer tambem eu o farei, disse Sherlock Holmes de si para consigo.

E sem pestanejar sequer deu um enorme salto do alto do telhado para a rua.

Mas Stark correndo sempre n'uma correria louca, ia desaparecendo na escuridão quando pelo outro lado chegou Tom Luttrell com Jago assim como os policiaes e alguns espectadores dos que estavam ao pé da «Blue Dog».

—Ha algum caminho proximo, alguma entrada para o rio? perguntou o genial policia.

—As escadas do «Blue Dog», respondeu o taberneiro. São muito perto e tenho lá um barco.

—Um barco! exclamou Sherlock Holmes furioso. Se o patife o encontra... mas talvez tome caminho errado. Parece-me que lhe estamos na pegada! Vamos Jago!

O animal farejou e deitou a correr com a rapidez do raio. O criminalista e os outros seguiram-no com passos precipitados n'uma caça louca entre casebres negros e ruínas de pedra atravez de estreitas ruellas e travessas.

Percorridos cincoenta ou sessenta passos, voltou Jago para a esquerda; os perseguidores que seguiam o animal atravez d'um estreito caminho e sobre uma escadaria de pedra encontraram, após alguns momentos o pobre animal no ultimo degrau da escadaria uivando e ladrando desesperadamente.

—Perdestel-o, meu velho? exclamou o criminalista. E enquanto Jago esfregava o focinho pelas pernas do dono, ouvia-se ao longe, vindo do rio, um leve ruído.

Era o chapinhar dos remos batendo na água.

—O barco foi se, disse o taberneiro arreliado. Costumava estar preso aqui, senhor. A corda foi cortada.

—E' pena que tivesse deixado os remos no barco, disse Stocley.

—Podemos tornar a achar-lhe a pista? perguntou Luttrell.

—Ha de desembarcar forçosamente seja onde for.

Sherlock Holmes, desilludido, olhou tristemente para a negra corrente do Tamisa. Não lhe restava dúvida de que Roydon Stark ia commodamente sentado no barco roubado, e que se fizera remando com toda a força ao largo.

—Não, é impossível, respondeu apoz uma pausa. E' preamar e o patife aproveitou-se d'ella. Quer desembarque longe ou perto, n'esta margem ou na outra, procurar-o mais seria completamente inutil.

O barco já se não via. Os perseguidores desilludidos, voltaram para traz; as conversações, para as quaes o incidente dera assumpto, eram animadissimas.

O criminalista a cuja mente occorria sempre a lembrança de Harry, começou a inquietar-se seriamente.

Estava provado que Roydon Stark tinha, depois da scena em casa de Lushington, voltado para a sua habitação a mudar de fato e que em seguida se dirigira a Bermondsey.

Holmes sabia tambem que o seu ajudante perseguira o criminoso desde Berkingham Street, visto não o ter encontrado.

Porque não teria elle ido a «Blue Dog»? Teria perdido a pista ou, o que era mais provavel ainda, fôra descoberto e surpreendido? Quem sabia se elle não estaria morto ou sem sentidos n'algum sitio escuro ou se estaria prisioneiro de Roydon Stark?

—O homem quando aqui chegou vinha a pé? perguntou Holmes ao policia que tinha estado de guarda á taberna.

—Sim, senhor.

—Vi se alguém o acompanhava?

—Não, senhor, não vinha mais ninguém; vinha sósinho.

Sherlock Holmes entrou no pateo e voltou d'ahi a pouco, com o pedaço de fazenda do sobretudo de Roydon Stark. Chegou-o ao nariz do animal, o qual percebeu immediatamente o que aquillo queria dizer. Cheirando o chão, correu, rosnando, direito para a frente.

—Venha, sr. Luttrell, disse o criminalista.

—Para onde quer ir com o cão? perguntou Tom.

—Vou fazer uma experiencia bastante estranha; Jago farejou a pista de Stark e se seguirmos a direção que elle seguiu quando para aqui veio, talvez descubramos alguma coisa que nos seja util.

—Mas elle não andou com certeza todo este caminho a pé.

—Isso é muito pouco provavel, assim como tam-

bem me não parece que tencione voltar a pé. Mas véremos.

A perseguição não durou muito tempo. O cão continuou lestantemente a caminhar durante uns cem metros: deixando o Tamisa atraz de si, encaminhou-se até Abbey Street, onde encontraram um «cab» vazio.

Yago ficou parado, latindo. O cocheiro olhou desconfiado para os dois homens e o cão e quiz partir. Mas Sherlock Holmes deitou as mãos ás redeas e segurou o cavallo.

—O que quer isso dizer? perguntou o cocheiro. O que quer o senhor?

—Não se assuste disse o criminalista! Só quero alugar o «cab».

—Não pôde ser, está alugado.

—Bem sei. Ha meia hora que transportou para aqui um homem e elle mandou-o esperar, não é assim?

—Isso mesmo. Como é que o senhor o sabe?

—Onde foi que esse homem o chamou?

—Em Victoria Street, ao pé dos Armazens do Exercito e da Armada.

—Você já o conhecia?

—Não, senhor!

—Pois bem, esse homem não volta, explicou Holmes. Sou policia secreta e tenho empenho em prendel-o, mas infelizmente escapou-me. Entre sr, Luttrell. Para Charing Crass, cocheiro, o mais depressa que puder.

CAPITULO X

Harry Taxon liberto

Sherlock Holmes e o cão, pararam um momento deante da casa n.º 240 e o dono chegou novamente o bocado do sobretudo ao nariz do cão.

Embora já tivessem passado horas desde que o criminoso deixára a casa, o animal farejou-lhe rapidamente a pista no passeio.

—Conheço bem Stark, disse Holmes comsigo. Com meo que o procurassem ficou certamente com o barco entre as docas e esperará ahi algum tempo.

As pégadas pareciam de fresco. Levavam-nos á gare de Wilki Street e d'ahi á ponte de Wytminster. O criminalista lembrou-se de que o desaparecimento de Harry podia ter relação com aquelle caminho.

Estaria o seu cadaver no Tamisa.

Mas Holmes tranquilizou-se logo, porque a pista demonstrou que Stark se conservára sempre na parte inferior do passeio, circumstancia esta que excluia completamente qualquer lucta junto do gradeamento.

Jago estava agora n'uma situação pouco favoravel. De repente perdêra a pista que centenas de transeuntes tinham pisado ao passar pela ponte. Depois de curta espera atravessou Sherlock Holmes a rua que conduzia para o lado sul do Tamisa e ahi orientou-se o animal logo. Com o focinho no chão, continuou a caminhar atravessando duas ou tres ruas, dirigindo-se pela ponte Cambech para Abington Street.

—Estamos quasi a chegar ao fim, pensou Holmes. O nosso homem não pôde estar longe.

E tinha pensado bem. Alguns minutos ainda de caça atravez do labyrintho de rochas escuras e silenciosas até á visinhança da abadia de Westminster. Jago avançava cada vez mais rapidamente, mostrando-se cada vez mais influido. D'um salto encaminhou-se para um apertado bôco cujos lados eram formados por casas da peor especie. Sherlock Holmes aproximou-se do cão n'um apice e quando chegou ao fundo da viella viu-o arranhando com as patas a porta da ultima casa.

—Finalmente encontrei o, meu velho. Tambem lá estará Harry?

Jago arranhava cada vez com mais força e começou a latir acabando n'um furioso ladrar. O pêllo pozem pé e dentro distinguia o criminalista passos e ruído.

—Roydon Stark chegou primeiro que eu, disse elle. Está lá dentro com certeza.

Não havia tempo para ir pedir auxilio. A porta estava fechada. Sem que experimentasse primeiro abrir-a por meo de chave falsa, tomou Sherlock Holmes impulso, atirando-se com toda a força contra ella.

Um grande ruído e a porta cedeu.

Esperando um pouco, avançou depois com o revólver n'uma das mãos e a lanterna de algebeira acesa n'outra para o primeiro quarto onde avistou um homem amarrado de pés e mãos, amordaçado e deitado no chão. Era Harry Taxon! Nada mais viu nem ouviu.

—Bem me parecia! disse Holmes, tirando-lhe a mordaça e cortando as cordas que o prendiam. Onde está Stark? perguntou elle rapidamente.

—Acaba de sahir pelas trazeiras, murmurou Harry com voz fraca, tentando levantar-se.

N'um abrir e fechar d'olhos sahio Holmes, seguido de Jago, para o pequeno pateo, atravessando a cozinha. O cão parou, rosnando, diante d'um muro de tres metros d'altura. A borda do muro via-se illuminada por uma lanterna.

—Anda, Jago, disse Holmes, tens que dar o salto!

Mas era tarde. O genial policia ouviu o ruído de um «cab» que parou um segundo e seguiu depois n'uma carreira louca. Sherlock Holmes bem sabia do que se tratava. Chamou o cocheiro, mas o barulho do rodar do vehiculo cobria-lhe a voz. Mais uma vez Stark escapava-lhe das mãos.

CAPITULO XI

Os quatro cabelos

O tribunal de heranças terminou a questão e o cadaver encontrado no Tamisa foi enterrado como sendo o de Chadwick. Não existia a menor duvida sobre a sua identidade. Nada impedia, pois, a execução do testamento.

Macmaduke Lushington herdou 8:000 libras por nno e Tom Luttrell a casa de Rutland Gate, o que augmentou consideravelmente o seu rendimento.

O crime, porém, continuou a ser um mysterio e como tal era o assumpto da imprensa. Dizia-se que os agentes de Scotland Yard se occupavam activamente d'elle e que tinham finalmente encontrado uma explicação plausivel para o desaparecimento mysterioso do cadaver.

Sherlock Holmes, cuja opinião era completamente differente, ria-se d'aquella ingenuidade. Tinha a sua theoria propria e continuou a segui-la tranquillamente.

Havia dias que a procura de Roydon Stark o preoccupava extraordinariamente, e a sua liberdade considerava-a elle um perigo pessoal e imminente para Macmaduke Lushington.

Roydon Stark parecia ter desaparecido da superficie da terra. Onde estaria? Teria dito adeus a Londres? N'esse caso não se confirmariam as suspeitas do criminalista. Sobre isso não restava duvida alguma. Holmes reflectiu sobre o caso. Olhou para o microscopio—o instrumento sobre cujas descobertas baseava a sua opinião. Contra factos não ha argumentos, e circumstancias apparentes nada podem.

—Estava justamente a fazer novas experiencias, disse elle a Harry, pondo uma placa de vidro no instrumento e segurando a lente. Descuidámo-nos ultimamente um pouco do microscopio, porque procuravamos Stark. Mas agora vamos continuar a investigar com a ajuda da lente.

«Tenho aqui uma coisa muito interessante, e ahi estão duas cartas que completam a série de provas. A primeira foi escripta por Chadwick a seu sobrinho, e a outra é devida á mão de Macmaduke Lushington—poucas palavras dirigidas ao seu advogado. Tenho, pois, as assignaturas de Chadwick e de Lushington. Gostava de as poder comparar ha mais tempo, mas Rensharo n'esta tarde é que me mandou a carta. Dediquemos, pois, toda a nossa attenção ao acaso. Sente-te, meu rapaz, e não me incomodes.

Harry obedeceu.

Sherlock Holmes prestou toda a attenção ao microscopio e durante alguns minutos estudou e examinou os objectos minusculos sobre a placa de vidro. Finalmente, levantou-se e disse ao discipulo:

—Olha e dize-me o que vês.

Harry pegou na lente e olhou durante um momento.

—Coisas muito extraordinarias, murmurou elle. Parecem lagartas. Que é isto, mestre?

—Cabellos, quatro cabellos de homem, explicou o criminalista. E' claro que estão augmentados. Olha para elles com attenção. Vê um por um, cada um nas suas particularidades, e compara-os entre si. Prompto?

—Sim, senhor!

—Julgas que pertencem a differentes coiros cabeludos?

—Nem pensar n'isso é bom, disse Harry negativamente, com visivel interesse. Iria afirmar que proveem todos da mesma cabeça.

—Como assim?

—Porque são todos, sem excepção, da mesma cor, teem a mesma grossura e parecem-se tambem no resto.

—Muito bem, redarguiu Holmes. Confirma a mi-

nha opinião. E agora dir-te-hei d'onde veem estes quatro cabellos. Deis tirei os da mécha de cabellos encontrada na manhã seguinte á noite da tragédia no «atelier» de Chadwick; este cabelo foi-lhe certamente arrancado da cabeça quando lutava com os assassinos. Os outros dois tirei-os da escova de cabelo que estava no «toilette» de Lushington, na noite em que passei revista a sua casa. Agora chegamos ao ponto scientifico do caso, que é claro como agua.

«Pelas auctoridades na materia foi provado que o cabelo de todo o ser humano tem os seus traços característicos e que entre 50.000 homens não existem dois cujo cabelo seja completamente igual. Estes quatro cabellos assemelham-se nos seus mais infimos pormenores, sendo, pois, innegavel que todos quatro pertenceram á mesma cabeça.

—Que coisa extraordinaria! exclamou o ajudante. Talvez seja esta descoberta a prova de que Macmaduke Lushington é o assassino, como Luttrell suppõe. Lushington foi talvez um dos homens que assassinaram Chadwick, e durante a lucta no «atelier» arrancou-lhe o assassinado uma mécha de cabellos da cabeça.

Sherlock Holmes encolheu os hombros e continuou a olhar pelo microscopio.

Depois de ter affastado a placa de vidro com os cabellitos, desarmou o aparelho, dando ás lentes a maior extensão possível.

Depois recortou com a thesoura as partes escritas das duas cartas — uma de Chadwick para seu sobrinho na propria noite da tragédia, e outra de Macmaduke Lushington ao seu advogado.

Com a ajuda d'uma pinça, metten os dois pedaços de documento no microscopio tão longe quanto possível das lentes.

Depois de as ter examinado durante alguns minutos, cedeu o seu lugar a Harry Taxou.

—Vê agora com todo o teu socêgo, não tenhas pressa.

—Estou bastante desapontado, —disse Harry apóz alguns minutos de observação. —A caligrafia não se parece em coisa alguma. As cartas parecem escriptas por duas pessoas diferentes. Chadwick tinha uma letra firme e igual, e Lushington...

—Não as vendo muito de perto é a letra de Lushington egualmente firme e igual.

—Mas não com o microscopio augmentado como está, —disse Harry. —Parece-me uma letra feita em zig-zagues e torta. As letrras soltas tem todas rabiscos, parecendo escripta muito devagar, uma letra de creança ou d'um velho caduco.

—Muito bem, —concordou Sherlock Holmes.

Tirou de novo as cartas do bolso, cortou as assignaturas e pô-las tambem no microscopio. Depois regulou o instrumento de modo a que os objectos ficassem mais proximos das lentes.

—Agora olha outra vez. —Diz-me se notas alguma coisa.

Durante alguns minutos fez-se silencio.

Atravez dos vidros, illuminados por intensissimo foco de luz, era a caligrafia augmentada — Uma testemunha muda mas infalivel e lia-se distinctamente:»

«Seu tio affectuoso, *Arthur Chadwick.*»

«Seu dedicado, *Macmaduke Lushington.*»

Harry Taxou tornou.

—Sei o que o mestre quer dizer, —declarou Harry com impeto. —O «seu» na assignatura de Lushington e o «seu», na assignatura de Chadwick parecem-se singularmente! A letra «s» do «seu» tem em ambas a mesma curva extraordinaria, e a maneira de escrever das outras letras é igual, sobretudo no «r». E' notavel que o «seu» da assignatura de Lushington não é tão tremido como as outras palavras; pelo contrario, é tambem escripto como na de Chadwick.

—E' isso mesmo, —exclamou Sherlock Holmes com ar triumphante. —Explicar-te hei o que ha de extraordinario n'este assumpto. E' muito simples; a carta de Chadwick foi escripta com a sua letra habitual, ao passo que temos na assignatura de Macmaduke Lushington uma letra disfarçada. Elle escreveu tudo com a maior precaução e o maximo cuidado, tão lentamente que o microscopio trahi os movimentos tremulos da penna, até chegar á assignatura. Na primeira palavra esqueceu-se do que estava a fazer. Deixou divagar o pensamento, mas depressa tornou a lembrar-se e acabou a assignatura com letra disfarçada. Mas este pequeno lapso —provavelmente nem elle mesmo o sabe —trahi-o. N'este momento de descuido escreveu a palavra «seu» como costumava escrever-la n'outros tempos.

—Tem razão, Mestre, —concordou Harry profundamente admirado.

—Amanhã falaremos mais demoradamente, —disse o genial policia interrompendo as suas explicações.

—«Ainda tenho que escrever. Boa-noite Harry.

CAPITULO XII

A confissão

Passados dois dias, pelas 10 horas da manhã, desceram Sherlock Holmes e Tom Luttrell d'um *cab* proximo da *gare* de Charing Cross, e subindo Buckingham Street dirigiram-se á casa que Macmaduke Lushington alugára. Bateram á porta, apparecendo-lhes logo a governante, que foi annunciar a sua visita.

—Temos que tratar, minha senhora, um assumpto importante, —disse o criminalista seguindo-a, —e é provavel que atraz de nós venha mais alguém que queira falar com o sr. Lushington. Se isso se der, não é preciso annunciar a visita, mande-a subir immediatamente, mas sem a avisar da nossa presença.

—Mas porque não lhe hei-de dizer nada? —perguntou a governanta, suspeitosa.

—Porque o sr. Lushington assim o quer — respondeu Sherlock Holmes — Faça o que lhe disse e não se importe com o resto.

E' voltando-se para Luttrell, em voz baixa:

D'ahi a pouco tinha a governante desaparecido, fechando a porta atraz dos visitantes, os quaes de novo se encontraram em frente do mysterioso Macmaduke Lushington cujo olhar exprimia sempre uma invariavel bonhomia. Tinha acabado d'almoçar e envergando um roupão estava comodamente sentado n'uma poltrona junto da meza.

Estava bastante palido e trazia na testa uma tira de adesivo.

—Bons dias, sr. Holmes, cumprimentou elle. Bons dias, Luttrell. Alegra-me vê-los a ambos. Desconheço a causa que me proporciona o prazer da sua visita, mas se em alguma coisa posso ser-lhes util, estou ás suas ordens. Queiram sentar-se.

—Sinto muito o accidente que lhe aconteceu, disse o criminalista sentando-se n'uma cadeira.

Lushington mordeu os labios e poz-se em pé.

—Como soube? perguntou elle. Os jornaes não deram noticia...

—Soube-o pelo meu ajudante, que vinha atraz do senhor quando foi derrubado na arcada do comboio subterraneo em Chancery Lane.

—Ah, sim, era o seu ajudante? exclamou Lushington com indignação. Compreendo. O senhor mande-me vigiar por espiões. Não sei que motivos inexplicaveis o levam a isso.

—Não nego, respondeu Sherlock Holmes. Tenho trabalho afanosamente para descobrir o mysterio e para levantar o denso véu que envolve a morte de Chadwick; eis o motivo, aliás justificado, que me levou a observá-lo. E, para chegar ao verdadeiro fim da minha visita, permitta-me que lhe pergunte se o senhor pode dar-me uma explicação sobre estas coisas.

Tirou um grande sobrescrito da algibeira e pô-lo sobre a mesa: um pedaço d'uma manga de veludo, alguns cabellos colados n'um cartão, duas dedadas de polegar e as assignaturas recortadas das cartas. Com um profundo suspiro fitou Lushington os diversos objectos collocados na sua frente.

—Mas o que tenho eu o ver com estes objectos? perguntou elle apparentando debalde uma grande tranquillidade de espirito. Que coisas são estas?

—Permitta-me que lhe explique tudo isso, respondeu Sherlock Holmes com a sua costumada serenidade, e peço-lhe que me preste toda a attenção.

«Eis parte da manga do casaco que o sr. Chadwick trazia por casa. As nodoas que apresenta foram postas com sangue de coelho. D'estes cabellos, alguns são pelos de coelho, outros foram apanhados no *atelier*, no theatro do assassinio e tres d'entre elles veem da sua cabeça, tirei-os n'aquella noite da sua escova de cabelo. Talvez o interesse saber que estes ultimos e os que vieram do *atelier* são da mesma cabeça, como posso provar com infalivel certeza pelos exames microscopicos. Alem d'isso, tambem estas duas dedadas de polegar o devem interessar, caso as queira observar de mais perto.

«Uma d'ellas é sua, foi o meu ajudante que fez a experiencia quando esteve hontem cahido na escada e sem sentidos, e a outra foi recortada do livro dos cheques do sr. Chadwick. Ambas ellas mostram a mesma cicatriz na primeira phalange, o que é de certo bastante extraordinario.

«E finalmente estas duas assignaturas, uma feita por si, sr. Lushington, e a outra pelo sr. Chadwick, tambem merecem o nossa attenção. O senhor sabe que o microscopio não mente...

—Deus do Céu, não posso calar-me por mais tempo! gritou Tom Luttrell, levantando-se de um salto da

cadeira. O senhor é um cão, um assassino, sr. Lushington! Negue se pôde fazê-lo. se se atreve a isso! O senhor é o covarde, o patife que matou meu pobre tio!

Thacmaduke Lushington tambem se levantára e fez-se branco como a cal da parede.

—Isso é uma mentira, uma monstruosidade o que acaba de dizer, é impossivel que queira culpar-me do assassinio!

—Será difficil culpá-lo da morte d'um homem quando esse homem não morreu, disse Sherlock Holmes em voz alta. Em frente de todas estas provas irrefutaveis, inutil será negar por mais tempo a sua identidade. Não lhe parece já tempo de tirar a mascara, sr. Arthur Chadwick?

—O sr. Holmes enlouqueceu! gritou Tom Luttrell. Certamente endoideceu, se não nunca podia dizer tal coisa. Diz que este homem é meu tio, meu fallecido tio Arthur Chadwick?

—Sim! E digo-o com verdade. O sr. Macmaduke Lushington é Arthur Chadwick... o senhor é o homem que se matou a si mesmo, que herdou a sua propria fortuna!

O golpe fez effeito; e se Macmaduke Lushington não sucumbia e apenas mudava de côr devia-o aos seus nervos de aço.

—Não posso acreditar tal coisa, disse Tom Luttrell olhando ora para um, ora para outro. Não se parece nada com elle!

—Tenciona então tirar-se d'embaraços por meio da sua astucia e do seu atrevimento, sr. Lushington? perguntou o genial policia encolhendo os hombros.

—Nem tal me passa pela cabeça. O senhor segue um caminho errado e não creio que tenha utilidade alguma o continuarmos n'este assumpto.

—Ainda agora começámos. Quer que mande chamar a policia, accusando o do assassinio do sr. Chadwick, ou resolve o confessar que é o proprio Chadwick?

—Que provas tem para tão horriveis afirmações?

—Tenho mais do que preciso, replicou Holmes, retirando com um movimento brusco os objectos de cima da mesa. Gastei palavras demais comigo, sr. Lushington! A policia nada tem que ver com isso, visto provar-se com estes objectos que o sr. Chadwick vive ainda. As duas dedadas, uma sua, outra de Arthur Chadwick, proveem da mesma mão. Estas duas cartas foram escriptas pela mesma mão, como prova o microscopio, infalivelmente. Tenha a certeza, sr. Chadwick, de que a comedia chegou ao fim! Porque o não confessa? O senhor sabe que estou aqui na qualidade d'amigo!

Finalmente cedeu a terrivel resistencia.

Macmaduke cambaleou e cahiu succumbido n'uma cadeira.

—Sou eu, sim! sabi-lhe n'um arranco de desespero dos labios. Não se deu nenhum assassino! Era mister que eu desaparecesse! Tinha um formidavel inimigo e só lhe podia escapar convencendo-o da minha morte. Sou a creatura mais miseravel e desgraçada d'este mundo, sr. Holmes! Ha annos que vivo em sustos continuos! E contudo estou innocente; de

nada me accusa a consciencia! Sim, é verdade que sou Arthur Chadwick, é verdade, Tom! Sou realmente teu tio... Deus te pague o teu grande amor, meu rapaz!

—Tio, meu querido tio! exclamou Luttrell com voz suffocada pelas lagrimas, agarrando na mão de Chadwick e cahindo de joelhos, Agora conheço a tua vez! Estás loente! A comoção foi violenta demais para ti!

—Agradeço-te, meu rapaz, agradeço-te, disse em voz baixa o tio e, dirigindo-se a Sherlock Holmes continuou:

—Vou contar-lhe tudo!

—Diga e o mais depressa possível. Tenho razões para ter pressa. O senhor está em perigo. Conheço o seu maior inimigo e eu mesmo já tive que me haver com elle. Esse homem já o perseguiu mais d'uma vez.

«Na noite em que tive a luta aqui, foi com elle essa luta. Depois dirigiu-se apressadamente para a taberna do «Blue Dog» em Bermondrey para examinar o supposto cadaver de Chadwick, procuran-lo um signal no braço. Era uma das pessoas que o seguiram hontem na escada da *gare* do comboio subterraneo e aqui tambem só queria vêr o seu braço. Nada conseguiu, mas hontem de noite entrou elle em minha casa, quando eu estava ausente e roubou o meu livro de apontamentos e que continha o resultado dos exames microscopicos, as minhas conclusões tiradas da manga e dos cabelos, das duas dedadas e das assignaturas. E este homem, inutil será dizel o é, Roydon Stark.

—Eu bem o sabia! suspirou Chadwick.

—Sim, Roydon Stark. Elle sabe quem o senhor é!

—Sabe, elle sabe que eu sou Arthur Chadwick gaguejou o pobre homem. N'esse caso estou perdido! Certamente que me vai mandar prender pela policia!

—Diga-me o perigo que o ameaça, ordenou Sherlock Holmes. Duvido que Raydon Stark já tenha tentado qualquer coisa contra si. Certamente não escreveu por enquanto para Scotland Yard. O meu ajudante descobriu hontem por um cocheiro em cujo trem Stark tinha deixado umas chaves, o seu paradeiro; ainda não ha duas horas mandei para lá a policia com o fim de o prender. E' provavel que esteja no commissariado a esta hora. Mas porque tem medo d'elle?

—Porque me quer accusar d'um assassinio!

—D'um assassinio? exclamou Luttrell, incredulo. E' mentira, não é assim, meu tio?

—Sim meu rapaz, é mentira, confirmou Chadwick com voz rouca. Estou innocente, completamente innocente, mas as apparencias são contra mim, é impossivel provar...

A voz tremia-lhe. Tentou tomar respiração e caiu para deante.

—Está sem sentidos! disse o criminalista. Veja se encontra n'aquelle gabinete algumas gotas de brandy, enquanto eu vou buscar agua.

CAPITULO XIII

Demasiado tarde

Tom Luttrell borrifou o rosto de seu pobre tio

com agua, enquanto Holmes tentava fazer-lhe engulir algumas gotas de brandy. Devido a estes cuidados, depressa voltou Arthur Chadwick a si.

Encostou-se para traz na sua poltrona e logo que poudo falar, começou:

—Abreviarei a historia o mais possivel, porque a policia pode chegar d'um momento para outro.

«Era mancebo ainda quando fiz uma viagem á volta ao mundo, sr. Holmes, ha talvez uns quatorze ou quinze annos; queria conhecer a vida tal qual ella é e por isso andei pelos sitios mais diversos, por curiosidade, está claro, e para esse fim tomei o supposto nome de Victor. Foi em Melbourne que pela primeira vez me encontrei com Roydon Stark, que era tido n'essa cidade como um aventureiro e um jogador, embora fingisse de rico *gentleman*. Passados dias, foi n'um club apanhei-a n'uma falcatrua, ao jogo. O resultado foi como era de prever, a sua completa ruina na sociedade e a não celebração do seu casamento com a filha d'um rico australiano, que estava para breve. Escusado será dizer-lhes que se tornou o meu mais acerrimo inimigo, jurando tirar de mim vingança.

«Não tive medo d'elle e as suas ameaças pareciam-me ridiculas; mas em breve me conveni de que o caso era muito serio. Fiquei ainda algum tempo em Melbourne, de lá parti para a India e fixei durante a continuação da minha viagem residencia algum tempo em Aden.

«Uma noite visitei uma casa de jogo, uma espelunca, onde encontrei Roydon Stark jogando as cartas com um inglez animado de nome Barriter. Stark cumprimentou-me muito amavelmente, apresentando-me ao seu companheiro e offerecendo-me delicadamente grande variedade de licores. Um d'elles estava com certeza narcotizado, pois ao sair da espelunca juntamente com Strak e Barriter senti vertigens. Perdi os sentidos e só voltei a mim de madrugada. Encontrei-me n'um sitio ermo, fora da cidade. Tinham-me metido uma faca na mão e a meu lado estava o cadaver de Charles Barriter, sangrando ainda d'uma ferida enorme e mortal.

«Quiz fugir, porque temia as consequencias, mas antes de o poder fazer fui preso pela policia indigena. Fui condemnado pelo crime d'assassinio do inglez e no commissariado da policia, onde dei o nome de Victor, tomaram todos os meus signaes, entre os quaes representava o papel principal um grande mancha de feito extraordinario, que tenho de nascença no braço esquerdo. Pode calcular o que eu sentiria em tal contingencia. Todas as pessoas eram contra mim. Todas! Em poucas palavras: uma noite consegui fugir, e depois d'uma infinidade d'aventuras e desembarquei d'um navio de vela em Inglaterra.

«Não me conheciam aqui, mas a policia de Aden tinha todas as informações e eu sabia bem que Roydon Stark jámais esqueceria o signal que tanta vez elle tinha visto em Melbourne quando jogava o *cricket* comigo.

«Eis a primeira parte da minha historia e suplico-lhe que acredite na sua veracidade. Não matei Charles Barriter.

—Isto foi ha quatorze annos, continuou Arthur

Chadwick, e quando cheguei a Inglaterra tinha meu pae fallecido, deixando-me um rendimento annual de dez mil libras. Levava uma vida socegada na minha casa de Rutland Gate e sentia-me durante uns annos relativamente seguro. Mas o que é bom, dura pouco. Estava convencido de que Roydon Stark não descansava, e isso pesava-me tão duramente na alma que concebi o plano de uma vida dupla para poder d'esta maneira enganar o meu inimigo se necessario fosse. Executei o meu plano, alugando esta casa com o nome de Macmaduke Lushington.

«Passava a maior parte do tempo em Rutland Gate, onde usava barba postica e de vez em quando, era então que me julgavam em viagem, morava com o nome de Mr. Lushington e sem barbas, aqui, em Buckingham Street.

«Fiz o que mais sensato me parecia, disse Arthur Chadwick. Levei esta vida dupla dez annos, durante os quaes nunca me lembrei de que luctaria com difficuldades financeiras, se me visse forçado a tornar-me Macmaduke Lushington para sempre. Ha pouco tempo lembrei-me d'isso e tomei o expediente de mandar redigir o testamento que todos conhecemos.

«Ha poucas semanas, vi de repente Roydon Stark e soube que me reconhecera. O meu primeiro impulso foi procurar refugio representando de Macmaduke Lushington; mas, pensando melhor, resolvi convencer-o directamente da morte de Arthur Chadwick. E para isso só havia um caminho: resolvi matar-me a mim mesmo.

«Foi, na verdade, uma idéa selvagem, continuou elle, e contudo estava intimamente convencido do perigo imminente em que me encontrava. No dia seguinte executei o meu plano. Prevendo que se haviam de encontrar graves difficuldades na execução do testamento, mandei um cheque a meu sobrinho e outro a mim mesmo, com o nome de Lushington. Sahi para ir buscar um «bonnet» e um sobretudo, e á volta comprei em Lambeth um coelho. Consegui introduzir isso tudo em minha casa de Rutland Gate e, depois do jantar, puz mãos á obra, porque estava certo de que ninguem me incommodaria. Atirei com os moveis para o chão, arranquei a manga do meu casaco, salpiquei por todos os lados, moveis, tapetes, etc., com o sangue do coelho, arranquei alguns cabellos da cabeça e... mas o senhor descobriu tudo!

«Acabada a minha tarefa, puz o «bonnet» na cabeça, vesti o sobretudo, calcei as galochas, desci a escada e desapareci na noite escura. Arthur Chadwick estava morto, e eu comecei, como Macmaduke Lushington, uma nova vida em Buckingham Street. Tirei as barbas posticas, comprei uns oculos, pinte o cabelo em differentes sitios e tornei a côr da pelle mais escura.

A transformação foi admiravel! disse Tom Luttrell.

—A principio temia que me reconhecessem, continuou Chadwick, sobretudo quando me vieste ver com o sr. Holmes. Estava profundamente commovido quando fallaste de mim com tanta dedicação, meu rapaz, e estive quasi resolvido a desmascarar-me.

—Não me passou isso despercebido, interrompeu Sherlock Holmes. Tambem não me enganou o cada-

ver retirado do Tamisa. O senhor entendeu-se com o velho Gaffer Gulbins, conhecido como pescador de afogados, e combinou com elle, em troca d'uma boa gratificação, vestir ao primeiro cadaver em decomposição os seus fatos usados, logo que elle condissesse com a sua altura e figura.

—Exactamente, concordou o tio de Luttrell, era essa uma das partes da substituição. Estimava, por duas razões, que julgassem ter achado o meu cadaver: a primeira, para enganar Roydon Stark, e a segunda para se executar o testamento.

«E agora, sr. Holmes, encaremos a situação em que me acho. Que hei-de fazer? A policia pode apresentar-se aqui d'um momento para outro, porque Roydon Stark conhece o meu segredo.

—Suplico-lhe, sr. Holmes, que salvo meu tio, disse Tom Luttrell com vehemencia. Com eseria hor-

—E' inutil querer occultar-lhe a gravidade da situação; nem sei mesmo o que deva aconselhar-lhe. Se Roydon Stark escapa, escreverá certamente ás autoridades; se fôr preso, dar-se-ha como testemunha. Sou forçado a apresentar-lhe a questão tal qual como ella é, sr. Chadwick. Está em maus lençoes, e o que fez para enganar Roydon Stark não depõe em seu favor.

«Se fôr preso, ficará ás ordens do juizo d'instrução criminal, e nem por meio de grande fiança o soltarão; mais tarde será certamente processado. Só vejo uma solução e aconselho-o, como bom amigo, a tomal-a. Saia immediatamente para o estrangeiro. Eu parto para Aden e não descansarei enquanto não tiver todas as provas da sua innocencia nas mãos. N'esse caso pode esperar-se ainda...

Sherlock Holmes parou. A porta acabava de abrir-se com ruido e no limiar apparecia um agente uniformizado, de olhar rude e torvo.

CAPITULO XIV

O triumpho de Sherlock Holmes

O agente entrou no quarto e fechou a porta; olhando para todos os presentes, cumprimentou levemente Sherlock Holmes e, approximando-se de Chadwick, disse:

—Sou o inspector Rent, da esquadra Bowstreet. O senhor é Arthur Chadwick, conhecido pelo nome de Arthur Victor?

—Sim, senhor.

—N'esse caso, trago ordem de o prender em nome da lei, como auctor d'um crime de assassinio commettido ha quinze annos.

—Está innocente! exclamou Tom Luttrell, collocando-se em frente de seu tio.

—Sim, estou innocente, repetiu Arthur Chadwick. Ha um anno, um erro, um plano diabolico para me deitar a perder...

—Nada tenho que ver com isso, replicou o inspector. Peço-lhe que se lembre de que...

—Este senhor está innocente, Rent, disse Sherlock Holmes.

—E' preciso prova-lo.

—Está muito bem. Não me metto nas suas attribuições. Pode dizer-me quem foi que o avisou?

—Recebemos uma carta esta manhã, em que estava tudo explicado; mas facil será para o sr. Chadwick defender-se, caso esteja innocente, disse o inspector.

—Basta, basta, disse Chadwick, levantando-se a custo, vou com o senhor. Levem-me e não se importem mais comigo; e tu, meu querido rapaz, consola-te — o que não tem remedio remediado está! Tinha de ser.

—Mas, por Deus, eu não te deixo ir! exclamou Tom Luttrell. Não te deixo ir. Não deves, nem podes ir. Sr. Holmes, não consinta que se commetta tal injustiça!

—Affaste-se, meu caro senhor, disse o inspector Rent com rudeza.

—O inspector tem razão, realmente, sr. Luttrell, disse Sherlock Holmes, encolhendo os hombros. Deixem n'ó fazer o que deve. Seu tio tem que o acompanhar forçosamente a Bowstreet, mas tenha a certeza de que farei tudo quanto estiver ao meu alcance para provar a sua innocencia.

—O que pode o senhor fazer n'este caso? disse o mancoço n'um tom cheio d'amargura. Pretenderá tornar a dar-lhe a liberdade?

«Poder-se-ha poupar a vergonha, o perigo d'um processo crime? Sim, terá boa vontade e está convencido da sua innocencia, mas podê-la-ha provar a tempo?

O criminalista não respondeu, pois sabia muito bem que apesar da sua habilidade não seria capaz de salvar aquelle desgraçado da condemnação. Arthur Chadwick estendeu tranquilamente as mãos e o inspector tirava umas algemas do bolso, quando de repente se ouviram passos apressados junto da porta, esta abriu-se com violencia e Harry Taxon entrou d'um salto emquanto Mac Gordon apparecia atraz d'elle.

—Mestre, mestre—gritou o ajudante do genial policia, temos o nosso homem, mestre, e confessou tudo!

—Confessou! replicou Sherlock Holmes. —Mas confessou o quê?

—O assassinio de Charles Barriter em Aden.

—Deus... seja... louvado!—exclamou Arthur Chadwick, cambaleando e apertando com as mãos a cabeça.—Oh meu Deus, quanto te agradeço!

—E' verdade sr. Gordon!—perguntou o grande policia ao inspector, que acabava d'entrar.

—Certamente, é isso mesmo,—respondeu o interrogado. Este senhor teve sorte, estava muito arriscado a ter que pagar por um crime que não cometera. Seguindo as suas indicações, fomos ao hotel Rouen e quando chegámos apoz as maiores difficuldades ao quarto de Roydon Stark, elle fugiu pela janella e tratou de se safar por cima do telhado. Mas escorregou e caindo d'uma altura de 12 metros veio estatelar-se em cima d'um monte de pedras onde o encontrámos com a espinha quebrada. Levámo-lo para o hotel e quando se viu ás portas da morte atormentou-o a consciencia e o medo do outro mundo d'uma forma pouco vulgar em criminosos d'aquelle jaez. Pediu um padre e um notario, e quando estes chegaram, inutilserá dizê-lo, fez uma confissão geral dos seus pecados. Entre estes confessou ter morto ha muitos annos um tal Barriter e ter mandado hontem uma accusação falsa a Bonstreet.

«Depois de terem sido reduzidas a auto as suas declarações ouvidas pelas competentes testemunhas, perdeu Roydon Stark os sentidos e é muito provavel que a esta hora já tenha falecido. Nada mais ha que fazer com elle, Deus tenha misericordia da sua alma!

—Deus seja louvado!—disse Chadwick repetidas vezes.—Deus seja louvado por me livrar d'este negro phantasma, que me seguia como a minha propria sombra.

Pegou na mão do sobrinho e com lagrimas d'alegria e de gratidão, e quasi sem poder articular palavra, recebeu os parabens dos presentes.

Roydon Stark morreu n'essa mesma noite, sem mais tornar a si.

Macmaduke Lushington deixára de existir e Arthur Chadwick tornou a viver contente e tranquillo gozando com alegria e socego e sua riqueza.

Podia ter sido condemnado por ter usado um nome suposto e por querer enganar a auctoridade com um fingido cadaver, mas attendendo ao que se passava, foi o processo archivado.

A solução do mysterio de Rutland Gate foi durante uma semana assumpto de sensação para a Inglaterra e enquanto todos os jornaes d'elle se occupavam, elevando Sherlock Holmes ás culminancias da gloria, faziam Arthur Chadwick e seu sobrinho uma larga digressão pelo estrangeiro, para desvanecer com novas impressões e com a vista da bella paisagen a sombra negra do passado.

O fiel Tranter acompanhou o seu amo pedindo insistentemente que jámais d'elle o separassem.

FIM

Ler no proximo numero:

Um casamento de conveniencia

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

É mais notavel e sensacional

das novidades literarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 19 A Rainha Adultera |
| 2 Roma na Lusitania | 20 Maria Telles |
| 3 Os barbaros do Norte | 21 Mestre d'Aviz |
| 4 A Invasão dos Arabes | 22 Padeira d'Aljubarrota |
| 5 Fundação de Portugal | 23 O Barbadão |
| 6 O cerco de Guimarães | 24 O Magriço ou os Doze de Inglaterra |
| 7 Egas Moniz | 25 Os Tripeiros. (Tomada de Ceuta |
| 8 Conquista de Lisboa | 26 De cobrimento da Madeira |
| 9 Giraldo Sempavór | 27 O Alfageme de Sant rem |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 28 O monarca eloquente |
| 11 Tomada de A cacer | 29 A tração de Alfarrobeira |
| 12 Rainha D. Mécia | 30 Escola de Sagres |
| 13 O Bolonhez | 31 A Beltraneja |
| 14 O rei trovador | 32 Conspiração dos nobres |
| 15 Rainha Santa Izabel | 33 Rei Venturoso |
| 16 A Batalha do Salado | |
| 17 Inez de Castro | |
| 18 Vingança de Rei. | |

A seguir:

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------|
| 34 Expulsão dos infiéis | 37 O Brazil. |
| 35 Vasco da Gama | 38 O Prim-iro Viso-Rei. |
| 36 A matança dos christãos novos. | 39 A Conquista de Goa. |
| | 40 O Inquisidor. |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

- | | |
|---|-----|
| I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia | 300 |
| Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos | 300 |
| III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. | 300 |
| IV (e ultimo volume) Tempos modernos | 300 |

NICK CARTER

O celebre policia americano
Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel dectetive

100 Rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA Rs. 100

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas

com bellas e numerosas gravuras intercaladas

no texto

A Modern-Bibliotheca é constituída por edções luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Ditosa Iar, por Marcel Prévost
II—Aphrodite, por Pierre Louys
III—Prima Laura, por Marcel Prévost

500 Rs. Preço de cada volume Rs. 500
brochado

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankée |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas façanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume Serie completa, 2.000 rs

LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Terminada a publicação da primeira série do LIVRO POPULAR, iniciamos a segunda, sensivelmente melhorada, com a formosissima obra de Alexandre Dumas, filho

DIANA DE LYS

Cada volume da nova série do LIVRO POPULAR, além das modificações que julgámos dever introduzir-lhe, está resguardado por elegante **capa artistica a tres côres**, continuando a manter-se o preço de

100 réis = Cada volume = réis 100

MEMORIAS DE SÂR DUBNOTAL

O REI DOS PSYCHOGOGOS

E' uma nova sciencia a sciencia do INVISIVEL, que abraça o conjuncto dos conhecimen psycho-physiologicos, os phenomenos do

Somnanbulismo
Levitação

Telepsychia
Telepathia

Suggestão
Hypnotismo

Magnetismo
Auto-suggestão

LEIAM AS MEMORIAS DE SAR DUBNOTAL

que profunda todos estes mysterios.

Lel'os é penetrar nos dominios do Sobrenatural, e s multaneamente recrear o espirito e adquirir conhecimentos scientificos.

Breve estará á venda o primeiro episodio d'esta série de novellas, que serão **absolutamente independentes uns dos outros, resguardados por uma elegante capa chromotypographica ao preço de**

100 réis = Cada volume = réis 100

Recebem-se desde já pedidos e assignaturas.

NO PRELO:

O futuro desvendado pelas cartas